

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
BACHARELADO EM TEOLOGIA

HERTON ALCÂNTARA DOS SANTOS

A RELAÇÃO ENTRE O JESUS HISTÓRICO E O CRISTO DA FÉ NA CONCEPÇÃO
DE JOSEPH RATZINGER

Anápolis, 2018

HERTON ALCÂNTARA DOS SANTOS

TRABALHO DE FINAL DE CURSO

A RELAÇÃO ENTRE O JESUS HISTÓRICO E O CRISTO DA FÉ NA CONCEPÇÃO
DE JOSEPH RATZINGER

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade Católica de Anápolis, como requisito
essencial para obtenção do título de Bacharel em
Teologia, sob a orientação do prof. Dr. Frei Flávio
Pereira Nolêto.

ANÁPOLIS – GO 2018

FOLHA DE APROVAÇÃO

HERTON ALCÂNTARA DOS SANTOS

**A RELAÇÃO ENTRE O JESUS HISTÓRICO E O CRISTO DA FÉ NA CONCEPÇÃO
DE JOSEPH RATZINGER**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob a orientação do prof. Dr. Frei Flávio Pereira Nolêto.

Data da aprovação: / /

BANCA EXAMINADORA

Nome do Orientador

ORIENTADOR

Nome do convidado

CONVIDADO

Convidado

NOME DO CONVIDADO

DEDICO

À minha família, por todo amor, por toda dedicação e contribuição para uma boa educação.

Ao Seminário São Francisco de Assis, por toda paciência e amor que tiveram comigo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus todo poderoso, pela sua infinita misericórdia, pelo dom da vida e pelo chamado a vida religiosa franciscana. Agradeço a meus pais que sempre me propiciaram um testemunho autêntico de amor e justiça. Bem como, agradeço ao Seminário São Francisco de Assis que estão percorrendo comigo esta trilha do nosso Senhor Jesus Cristo, por toda paciência e carinho. De modo especial, a minha turma, que ao longo destes nove anos de caminhada, estão ao meu lado, me suportando e compartilhando os desafios e conquistas da vida religiosa. Agradeço ao Instituto São Boaventura e aos professores por todos os ensinamentos acadêmicos, especificamente ao professor frei Rafael que pela sua disponibilidade, presteza, paciência e auxílio me orientou para a concretização deste trabalho monográfico.

Jesus Cristo é o mesmo, ontem e hoje;
ele o será para sempre! (Hb 13,8)

RESUMO

SANTOS, Herton Alcântara Dos. **A RELAÇÃO ENTRE O JESUS HISTÓRICO E O CRISTO DA FÉ NA CONCEPÇÃO DE JOSEPH RATZINGER.** 2018. Teologia. Faculdade Católica, Anápolis, 2018.

A presente monografia procura realizar uma reflexão descritiva a respeito da relação entre o Jesus histórico e o Cristo da fé na concepção de Joseph Ratzinger. Esta reflexão propõe uma explicitação estrutural da unidade entre o Jesus histórico e o Cristo da fé. O objetivo é poder esclarecer por meio da análise crítica de Ratzinger como acontece de fato a problemática relação entre o Jesus histórico e o Cristo da fé que até hoje no meio acadêmico se debate. Nesta ocasião, será feita uma breve explanação do contexto cristológico do Jesus histórico nas suas diversas interpretações. Logo após, será tratado a cristologia de Ratzinger, que está fundamentado por três colunas, a saber, a história, a razão e a fé. Para ele, esses três pilares estabelecem que o Jesus histórico é o Cristo da fé sem divisão e separação. Por fim, é concretizada a exposição, segundo o pensamento de Ratzinger que o Jesus histórico é o Jesus real que se encontra nos evangelhos e vai ao encontro de todo aquele que está aberto para o Conhecê-lo.

Palavras-chave: Jesus histórico. Cristo da fé. Método histórico-crítico. Filho de Deus. História. Fé. Ratzinger.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 CAPÍTULO: A CONSTRUÇÃO DO JESUS HISTÓRICO	13
2.1 O MÉTODO HISTÓRICO-CRÍTICO	14
2.2 A ATUAL ATENÇÃO PELA HISTÓRIA DE JESUS DE NAZARÉ	16
2.3 A PRIMEIRA INVESTIGAÇÃO “OLD QUEST”	18
2.4 A SEGUNDA INVESTIGAÇÃO “NEW QUEST”	21
2.5 A TERCEIRA INVESTIGAÇÃO “THIRD QUEST”	25
3 CAPÍTULO: A RELAÇÃO DO JESUS HISTÓRICO COM O CRISTO DA FÉ NA CONCEPÇÃO DE JOSEPH RATZINGER	29
3.1 O PENSAMENTO DE JOSEPH RATZINGER ACERCA DO MÉTODO HISTÓRICO-CRÍTICO	30
3.2 A CRISTOLOGIA DO FILHO	34
3.3 O JESUS HISTÓRICO É O CRISTO DA FÉ.....	39
4 CAPÍTULO: O JESUS REAL NA PERSPECTIVA DE RATZINGER	44
4.1 A UNIÃO HIPOSTÁTICA DE JESUS.....	45
4.2 O JESUS REAL NA PERSPECTIVA DE RATZINGER.....	48
4.3 AS AUTOAFIRMAÇÕES DE JESUS	54
4.3.1 O Filho do Homem	55
4.3.2 O Filho	56
4.3.3 Eu Sou	58
CONCLUSÃO	61
REFERÊNCIAS	64

1 INTRODUÇÃO

Para os cristãos, Jesus de Nazaré é o ponto central da sua fé. Acreditam, que Ele é o Cristo (Mc 1, 24), o enviado, o “Filho Unigênito” de Deus (Jo 3, 16) e Senhor, o qual, morreu e ressuscitou no terceiro dia para a remissão dos pecados do mundo inteiro. Essas afirmações, são extraídas dos evangelhos, que revelam a profissão de fé dos apóstolos que Jesus de Nazaré é o “Filho” de Deus. Todavia, desde o início da história cristã, a profissão que Jesus era o “Filho” de Deus se difundiu de forma alastrante pelo ecoar da fé, transmitido pelos testemunhos dos apóstolos e das primeiras comunidades cristãs. Testemunhos, que continuam a ressoar depois de dois mil anos na igreja.

Em pleno século XXI, o personagem Jesus de Nazaré continua sendo um objeto de estudo muito discutido na teologia, suscitando debates intensos por teólogos renomados acerca dos detalhes, das evidências, e das descobertas advindas de investigações rigorosas pelos mesmos. E um artifício de estudo cristológico, que merece ser destacado e corrobora para esses tais novos descobrimentos a respeito da vida de Jesus de Nazaré é o método histórico-crítico. Esse método, é uma assistência científica entre várias outras que dirige uma abordagem de interpretação das Sagradas Escrituras por um viés histórico.

Com isso, não podemos negar que o método-histórico crítico é um procedimento científico de suma relevância para o estudo de pesquisa teológica. Mas vale salientar, que é um método como qualquer outro método susceptível a crítica. Do mesmo modo, que o método ofereceu uma vasta clarificação do Jesus humano, obscureceu o Jesus divino, ou seja, o Cristo da fé.

E o motivo desse obscurecimento da pessoa histórica de Jesus de Nazaré foi a negação do dado da fé no método histórico-crítico instrumentalizado pelos teólogos como Reimarus, Sanders e Crossan. De tal modo, que durante de mais de 200 anos de debates efervescentes do evento Jesus histórico, nasceu várias construções do rosto de Jesus por meio de especulações históricas que não levaram em consideração o dado da fé. Assim, desconfigurando o lado divino de Jesus acerca dos seus milagres, da sua ressurreição, da sua ascensão, dos quais, são acontecimentos reais, históricos a partir da fé.

Por isso, o desafio do teólogo não é somente querer utilizar o método histórico-crítico somente voltado a registros de acontecimentos do passado ou pelo viés científico da história, da comprovação. Mas, de poder conciliar a história de Jesus com a razão e a fé. Com isso, surge algumas perguntas referentes a tais conhecimentos acerca de Jesus de Nazaré, por exemplo: existe a possibilidade de uma relação entre o Jesus histórico e o Cristo da fé? Com outras palavras, no mundo atual em que tudo é fundamentado pelo rigorismo da comprovação da ciência positiva, existe algum meio de poder harmonizar o Jesus histórico e o Cristo da fé? O dado da fé não é histórico, ou seja, a revelação de Deus não se fez na história? História e fé não se combinam?

Na tentativa de desenvolver uma resposta a essa querela acerca de Jesus, este trabalho monográfico terá como núcleo central o pensamento do teólogo alemão Ratzinger. Este, desenvolve em seus escritos cristológicos que não existe a dicotomia entre o Jesus histórico e o Cristo da fé. Na sua concepção o Jesus histórico é o Cristo da fé. Na verdade, a sua maior preocupação em seus escritos cristológicos alusivo à pesquisa histórica de Jesus é acerca da harmonização de três aspectos que são: a história, a razão e a fé. Para isso, utilizaremos como base principal para a esse trabalho as suas obras: “Introdução ao Cristianismo” de 1967 e o primeiro livro da sua trilogia de “*Jesus de Nazaré: do Batismo à Transfiguração*” de 2005.

Vale enfatizar que, Ratzinger não é contra ao método histórico-crítico, mas pelo contrário, compreende a sua relevância. Porém, é necessário expandir os critérios do método histórico-crítico no campo de pesquisa, de poder incluir possíveis dados que compete a história, no caso do aspecto da fé. Por isso, Ratzinger recorre ao método da exegese canônica que visa uma leitura do Jesus histórico na perspectiva da fé. Um método que não afeta o método histórico-crítico, mas pelo contrário, o completa, o aperfeiçoa.

O teólogo Joseph Alois Ratzinger nasceu em Marktl am Inn, na área rural de Altotting no dia 16 de abril de 1927 na Alemanha. Tornou-se sacerdote no dia 29 de junho de 1951, em Frisinga. Desde, 1954-1959 lecionou na área da teologia fundamental e dogmática na escola superior de filosofia e teologia de Frisinga. Sendo que, 1957 doutorou-se pela universidade de Munique, com a dissertação a teologia da história em São Boaventura.

Já entre os anos de 1966-1969, Ratzinger tornou-se catedrático de dogmática e história do dogma na universidade de Tubinga, possui vários outros títulos honoris

causa, sem contar o seu serviço a igreja como Arcebispo de Munique em 1977 e de 1981-2005 como o prefeito da “Congregação para a Doutrina da Fé”. E por decorrência, presidente da Pontifícia “Comissão Bíblica e da Comissão Teológica Internacional” pelas mãos do Papa João Paulo II. E finalmente em 19 de abril de 2005 tornou-se Papa. Durante toda a sua vida, Ratzinger produziu uma multiplicidade de livros e artigos que contribuiu de forma extraordinário, esplêndido no campo teológico.

Desse modo, a relevância desse tema monográfico, é de poder contribuir no âmbito reflexivo da formação teológica e pastoral dos cristãos. A intenção é mostrar que dentro das várias interpretações da identidade do Jesus histórico, existe uma abordagem, que a igreja professa, que é o Jesus de Nazaré o Cristo, o Jesus real dos evangelhos que tanto Ratzinger defende.

Nesta perspectiva, vai ser percorrido um breve caminho de análise histórico das supostas interpretações da constituição do Jesus histórico. Primeiramente, será exposto uma visão rápida do contexto cristológico epocal que o teólogo alemão está inserido. E logo após, será aludido o pensamento de Ratzinger acerca do evento Jesus de Nazaré, cujo trabalho esta subdividido em três capítulos, a saber, o primeiro capítulo, vai se tratar a respeito da construção do Jesus histórico; o segundo capítulo, irá aludir sobre o tema sugerido, a relação do Jesus histórico com o Cristo da fé na concepção de Ratzinger; e o terceiro capítulo, vai se referir sobre o Jesus real na perspectiva de Ratzinger.

Desse modo, espera-se que esse trabalho a partir do pensamento de Ratzinger possa realmente oferecer uma melhor compreensão do rosto do Jesus histórico a partir da fé. Esse Jesus, que para nós cristãos é humano e divino ao mesmo tempo que adveio do “Pai” somente por amor a cada um de nós que somos seus filhos.

2 A CONSTRUÇÃO DO JESUS HISTÓRICO

Neste capítulo, será abordado de forma sucinta a respeito da construção da vida de Jesus de Nazaré que transcorreu por mais de duzentos anos. Esse período é subdividido majoritariamente pelos teólogos por três fases, a saber, a *“old quest”*, a *“new quest”*, e a *“third quest”*. Com isso, a intenção é de mostrar alguns pensadores dentro dos diversos pesquisadores que foram destaque nestes períodos, expondo o seu pensamento e a sua contribuição acerca da pesquisa histórica da vida de Jesus de Nazaré. (BARBAGLIO, 2011).

Um aspecto importante para compreender esses três períodos é a questão da polaridade história e fé, que desde o século XVIII foram aspectos essenciais de discussão por parte dos pesquisadores acerca do Jesus histórico. Existiu diversas tentativas de reconstruções históricas do rosto de Jesus sem o pressuposto da fé, como o primeiro período *“old quest”* (CIOLA, 1992).

Por isso, o objetivo é de apresentar um panorama desses mais duzentos anos de conflitos sobre a vida de Jesus de Nazaré para que haja uma melhor compreensão o pensamento do teólogo Joseph Ratzinger sobre o Jesus histórico. Para que isso aconteça, será feito um percurso histórico da construção do rosto de Jesus entendendo o contexto teológico que Ratzinger esta inserido. Pois, a construção teológica de Ratzinger faz parte também dessa complexa teia de concepções históricas sobre a vida de Jesus de Nazaré (BARBAGLIO, 2011).

No entanto, antes será realizado um breve percurso do surgimento do método histórico-crítico que atravessou esses duzentos anos de pesquisa da história da vida Jesus de Nazaré. (BARBOSA, 2014). O método histórico-crítico é um recurso científico entre vários outros que aponta uma abordagem de interpretação das Sagradas Escrituras por um viés histórico. Bem como, a Bíblia é palavra humana e divina ao mesmo tempo, logo, é de total coerência que se aplique o método histórico-crítico como instrumento fundamental de pesquisa relacionado aos fenômenos bíblicos (CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dei Verbum, 1966).

2.1 O MÉTODO HISTÓRICO-CRÍTICO

Acredita-se, pela maioria dos historiadores que o nascimento do método histórico-crítico foi conferido a escola de Alexandria no século III, antes de Cristo (FITZMYER, 2011). Pois, certas características deste método investigativo são bem remotas, eram empregados por diversos filósofos gregos na era da literatura clássica e em seguida com os padres da Igreja na época da patrística. Por exemplo, por Orígenes, Jerônimo e Agostinho. (PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, 1994).

Mas, a partir desses dois períodos da antiguidade o método histórico-crítico vai se desenvolvendo com o passar das estações. Uma vez que, poderemos considerar o método como científico somente no século XVIII, com uma forte influência do iluminismo. Embora que, o surgimento, a origem do método histórico-crítico atravessou as gerações se aperfeiçoando, se aprimorando como método nos pensamentos dos teólogos. Este aprimoramento, é por causa dos pretextos das evidências estudadas pelos pesquisadores. (Ibidem, p. 38).

Barbosa diz que no tempo da renascença, os teólogos usam o método direcionado a regressar as fontes do evangelho, isto é, que fosse vista por meio das línguas originais, o aramaico, o hebraico e o grego não se restringindo somente pela língua vernácula. Os exegetas tinham a preocupação rigorosa nas investigações dos estudos das Sagradas Escrituras, visando poder abstrair o conhecimento verdadeiro da mesma (BARBOSA, 2014).

Nesta época, houve grandes descobrimentos pelas ciências. De tal maneira que, o personagem de Copérnico merece ser sublinhado com a grande descoberta astronômica da circulação dos planetas em volta do sol. E outro aspecto histórico, que deve ser destacado é o evento do protestantismo com Martinho Lutero (1483-1546). Este monge beneditino, contribuiu com o desenvolvimento do método histórico-crítico. Lutero com o rompimento com a Igreja católica, confeccionou teses para poder fundamentar a reforma protestante com véis bíblico e racional. O Corpo doutrinal do seu pensamento é “*sola scriptura*” (só a Escritura), “*solus Chrsitus*”, (só Cristo), “*sola gratia*” (só a graça), “*sola fides*” (só a fé). Desses elementos teológicos, se desdobra a questão da leitura literal bíblica da sua doutrina teológica (ROPS,1996).

O teólogo Volkmann, afirma que a visão da doutrina protestante a respeito da leitura literal da bíblia cooperou para o alargamento histórico com uma análise crítica as Sagradas Escrituras. Assim, ele diz:

A Reforma, com o postulado de que a Escritura é a única fonte da Revelação, coloca-a como centro das atenções e desencadeia com isso o surgimento da ciência bíblica. Tal concentração na Escritura leva, por outro lado, a um posicionamento crítico frente à Escritura que desembocará na análise histórico-crítica da Bíblia (VOLKMANN; DOBBERHAHN, 1992, p. 12).

Dessa forma, a doutrina bíblica da reforma protestante possibilitou uma verificação mais rigorosa, crítica acerca dos cânones. De tal maneira que, essa postura de análise minuciosa, desdobrou-se a uma ciência bíblica, devido a análise histórica-crítica como método de comprovação racional. Por consequência, a influência da reforma conduzirá a duas pertinentes visões de análises dos fenômenos bíblicos nos séculos seguintes, a saber, a primeira vertente, com uma postura mais crítica, fundamentado no sentido literal dos textos; e a segunda vertente, considerado como a oposição, a ortodoxia, fundamentado na pesquisa sob o ponto de vista da tradição e do magistério da igreja (Ibidem, p. 13).

Desse modo, a maioria dos pesquisadores do método atribuem que o pai do método histórico-crítico é Johann S. Semler (1725-1791). Segundo Volkmann, ele apresenta um parecer centrado na hermenêutica de modo tão rigoroso, que provoca uma absoluta rescisão com a tradição ortodoxa. Entretanto, para entender a radicalidade de sua prerrogativa hermenêutica é preciso ter uma noção do contexto investigativo bíblico do século XVIII, sob as influências do deísmo inglês e do iluminismo alemão (Ibidem, p. 28).

Volkmann, expõe a respeito da gênese do método histórico-crítico assegurando o porquê de Johann S. Semler ser o estimado pai:

A Bíblia como livro não é a Palavra inspirada de Deus; o Cânone de livros sagrados é uma grandeza histórica que deve ser analisada criticamente; cada um dos livros deve ser visto em sua inserção histórica e como testemunho dessa história passada (Ibidem, p.29).

Sendo assim, Semler parte de dois pressupostos. O primeiro é a diferenciação entre palavra de Deus e a escritura. Segundo ele, nem todos os componentes do cânon podem ser avaliados como inspirados. O segundo, é que os livros não são incontestáveis, ou seja, os cânones são passíveis de crítica. Já que, no seu ponto de vista, os livros possuem questões simplesmente históricas (Ibidem, p. 32).

Dessa forma, partindo desses dois pressupostos, Semler finaliza que as Sagradas Escrituras devem ser analisadas numa perspectiva histórica com toda rigidez e com todas as implicações. Todavia, o seu pensamento hermenêutico pode ser visto por dois modos. Primeiro, verificar, analisar de modo minucioso, ruminando os textos bíblicos genuinamente em seu sentido histórico, e, logo após, dizer explicitamente os conteúdos dos textos de modo novo para os nossos dias. Sendo assim, a bíblia é um grande livro histórico que deve ser verificado de forma crítica (Idem, p. 32).

No século XX, o método histórico-crítico passa por aprimoramentos com as descobertas dos manuscritos do mar morto (1947-1956). Os múltiplos resultados investigativos do campo da arqueologia, auxiliou o aperfeiçoamento e o desenvolvimento do método histórico-crítico, a ter uma compreensão mais vasta das Sagradas Escrituras. Contudo, podemos considerar que o método histórico-crítico é um caminho investigativo racional que tem em vista descobrir os fenômenos enigmáticos presente nas Sagradas Escrituras pelo véis da história. Com isso, o seu objetivo é expor a verdade das evidências pesquisadas por um rigor minucioso e indubitável (BARBOSA, 2014).

Dentro dos objetos de pesquisa atuais, um objeto que continua sendo muito analisado e debatido entre os teólogos é a vida do Jesus histórico. Essa figura bíblica é um mistério profundo para a cristologia que busca desvendar os seus enigmas por meio do método histórico-crítico. A aplicação do método histórico-crítico é conforme o pensamento investigativo do teólogo que emprega a sua sistematização na sua área de pesquisa (Ibidem, p. 47).

2.2 A ATUAL ATENÇÃO PELA HISTÓRIA DE JESUS DE NAZARÉ

Há mais de dois séculos, o tema acerca da identidade histórica de Jesus de Nazaré efervesce nos debates teológicos na área da cristologia. Jesus é uma figura histórica e religiosa, que move a fé de mais de dois bilhões de cristãos no mundo inteiro que incita a curiosidade de acadêmicos com discussões intermináveis sobre a sua vida e morte, que aconteceram a dois mil anos atrás. Os seus seguidores o chamam de Cristo, o ungido, o “Filho de Deus”. Por outro lado, numa perspectiva histórica os cientistas procuram construir através de evidências concretas de como foi

realmente de fato o evento Jesus de Nazaré que viveu no tempo do Império Romano (SCHLISON; KASPER, 1990).

Na verdade, o que se tem como resultado desses dois séculos de discussões teológicas é uma multiplicidade de rostos do Jesus histórico, ou seja, uma série espantosa de suposições e reconstruções históricas da sua vida, como afirma Barbaglio:

Limitando-nos a estes dois últimos decênios, eis um elenco das leituras mais difusas, muitas das vezes ciciadas de unilateralismo: Jesus foi um “profeta escatológico” propenso à reunificação das doze tribos de Israel (Sanders); um carismático de grande fascínio capaz de gestos taumátúrgicos (Vermes); um mestre de vida subversivo ou um guru revolucionário (Borg); um camponês hebreu mediterrâneo de tendência cínica (Crossan) ou um filósofo cínico tout court (Mack, Downing); um revolucionário Social pacífico (Horsley e Theissen); um judeu que exaltou a Lei mosaica radicalizando suas exigências, em particular o mandamento de amor ao próximo (Flusser); inclusive um fariseu de tendência hillelita (H. Falk); um Judeu marginal, diz Meier; um rabino, como B. Chilton titula sua recente *Intimate biography*; acrescentando M. Smith, que o representa nas vestes de um mago que recorria a artes secretas para curar doentes e libertar endemoniados (BARBAGLIO, 2011, p. 7).

Assim, Barbaglio apresenta uma gama de hipóteses que apareceu no final do século XX como reflexo dos debates intensos que houve durante esses dois séculos de pesquisa sobre o Jesus histórico. Isso mostra, um parecer das diversas discussões cristológicas de extensões imensas que interessou e contínua interessando aos teólogos de saberem quem realmente foi Jesus (Idem).

Dentro dessas discussões existem dois modos de abordagem para a construção do Jesus histórico, dos quais esteve presente nestes mais de dois séculos de debate, que são: o primeiro, a partir do método histórico-crítico regulado por aquela herança da primeira vertente do período da renascença, fundamentado no sentido literal dos textos com um rigorismo crítico elevadíssimo da história de Jesus de Nazaré, pautado por registros verídicos da sua humanidade. O segundo, a partir do método histórico-crítico visto sob o ponto de vista da concepção do elemento da fé, regulado pela ortodoxia da Igreja, ou seja, fundamentado na visão da tradição e do magistério (CIOLA, 1992).

Essas duas correntes do campo cristológico, se desdobrou em duas tendências que possui as mesmas características que apareceu nos meados dos anos 60, a saber, a “cristologia de baixo” e a “cristologia de cima”. Com a mesma finalidade, esses dois modos de leituras do Jesus histórico, procuram hoje a ter a uma

aproximação mais exata a respeito da vida de Jesus, por caminhos distintos. A intenção da “cristologia de baixo”, é de poder provar o evento Jesus a partir da sua humanidade e da sua história, com o objetivo de achar um pretexto de diálogo mais próximo com o mundo secular e antropocêntrico. A sua preocupação não é dar ênfase na divindade, na transcendência do Jesus histórico. Mas, de apresentar um Jesus humano, terreno para o homem contemporâneo (SCHLISON, KASPER, 1990).

A “cristologia de baixo” nasceu como uma tentativa de dar respostas as críticas de outras concepções teológicas e também de áreas científicas como a antropologia. Segundo o teólogo Ciola, nos anos 60 a teologia católica estava muito desacreditada no campo científico, devido à força da secularização. Por isso, a ideia ou melhor a exigência de repensar a fé de um modo mais encarnado, firme no chão, unido a história do homem, sem precisar de recorrer aos elementos transcendentais (CIOLA, 1992).

Já a “teologia de cima” foi compreendida principalmente nos anos 60 como um método de oposição da “cristologia de baixo”, por causa da sua forma de análise da vida do Jesus histórico. Para a teologia católica, não existe uma cristologia genuína sem as efetivas proposições transcendentais (de cima), ou seja, desconsiderar os elementos dados a partir da revelação é desfavorecer o evento do Jesus histórico, é limita-lo. A “teologia de cima” parte do pressuposto da relação dialética entre a história e fé, devido a sua ligação simultânea manifestada no tempo. Com outras palavras, este método de cima entende que o Jesus histórico deve ser visto também a partir da fé e não somente pelo véis da história. Pois, acredita-se de forma científica que considerando a unidade da relação história-fé tende a conhecer o verdadeiro rosto de Jesus de Nazaré confessada pela igreja como o “Filho de Deus” (SCHLISON; KASPER, 1990).

Ora, o debate entre o Jesus histórico e o Cristo da fé atravessou e ainda contínua repercutindo na história da cristologia. A discussão permanece viva no seio acadêmico acerca da vida de Jesus de Nazaré, devido às várias suposições que vieram com as supostas descobertas feita pela ciência com o auxílio do método histórico-crítico. Então, agora será percorrido uma breve apresentação do contexto dos três períodos da construção do Jesus histórico a partir dos seus precursores para que tenha um melhor entendimento do pensamento do teólogo Joseph Ratzinger. (BARBOSA, 2014).

2.3 A PRIMEIRA INVESTIGAÇÃO “OLD QUEST”

Segundo a maioria dos teólogos, o “*old quest*”, a primeira busca ou investigação do Jesus histórico: foi um período marcado pela influência do pensamento do alemão Hermann Samuel Reimarus (1694-1768) e dos pesquisadores posteriores. Esses, tentavam explicitar à luz de uma racionalidade exacerbada da história com um certo ceticismo iluminista a provar que o Jesus pregado pela igreja era uma simples invenção (FABRIS, 1988).

Por essa razão, Reimarus foi o precursor de analisar a vida de Jesus de Nazaré por um viés diferente da concepção da igreja, ou seja, Reimarus, foi o primeiro pesquisador iluminista, que empregou o método histórico-crítico de um modo sistemático. (GERD; ANNETTE, 2015). Ele, era um professor de línguas orientais da escola de Hamburgo que a partir da concepção histórico-científico, confeccionou uma obra acerca da reconstrução do cristianismo de quatro mil laudas sob a influência dos ingleses deístas. No entanto, o debate histórico sobre o fenômeno Jesus De Nazaré se torna uma eclosão no meio científico com a elaboração da obra do filósofo Gotthold Efraim Lessing (1774-1778), titulado por nome “*sobre o escopo de Jesus e dos seus discípulos*” (FABRIS, 1988).

Influenciado por essa obra, Reimarus parte da seguinte preposição: “deve sustentar a diferenciação entre o que Jesus verdadeiramente fez e instruiu em sua vida e o que os apóstolos relataram em seus escritos” (Ibidem, p.8). Para ele, os discursos a respeito de Jesus de Nazaré não eram compatíveis com a fé da igreja. Pois, a sua visão de campo científico positivista era somente a partir de uma leitura racional da história, eliminando assim, toda e qualquer evidência que não passasse pelo provável, pela veracidade dos fatos. Por isso, o seu pensamento exegético, é centrado pela negação da transcendência dos milagres, da ceia, da ressurreição e dos sacramentos (Idem).

Com outras palavras, Reimarus foi o personagem que deu início a construção do rosto do Jesus histórico sob a prerrogativa histórica, invalidando o dado da fé na verdadeira busca da configuração do retrato de Jesus. “ Segundo Albert Schweitzer, antes de Hermann Samuel Reimarus, não houve ninguém que tenha tentado entender de forma histórica a vida do Jesus de Nazaré” (SCHWEITZER apud BARBAGLIO, 2011, p. 18).

Um dos fatores do pensamento de Reimarus, consistia na interpretação destas seguintes expressões das Sagradas Escrituras: “arrependei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1, 15b) e “arrendei-vos, porque está próximo o Reino dos Céus” (Mt, 417b). Para ele, esses termos dos evangelhos possuem o mesmo sentido, mas a partir da concepção judaica, ou seja, as palavras Reino dos Céus, já eram conhecidas no mundo judeu e não havia necessidade do anúncio explicativo de João Batista e de Jesus. Pois, os judeus já possuíam a consciência religiosa da vinda do Reino dos Céus. Reimarus expõe:

Se quisemos chegar a uma compreensão histórica dos ensinamentos de Jesus, devemos deixar para trás o que aprendemos no catecismo acerca da metafísica Filiação Divina, a Trindade, e conceitos dogmáticos semelhantes, e mergulhar num mundo mental totalmente judaico (SCHWEITZER, 2005, p.29).

Reimarus, rompe com a concepção dogmática da igreja acerca de Jesus de Nazaré, incitando a construir um novo rosto de Jesus por meio do seu contexto religioso e cultural vigente da época. As suas críticas ao evangelho foram muito ríspidas, por causa de não aceitar que a herança dos apóstolos foi uma descrição fidedigna de quem era realmente Jesus. Os seus questionamentos são diversos, por exemplo, o batismo e a ceia como demonstrações de que Jesus desejava fundar uma nova corrente de religião. Reimarus, interrogará os milagres e os sacramentos (os sinais de Jesus) como decorrência de atrair pessoas para a nova religião (BARBOSA, 2014).

Segundo Reimarus, para que se concretizasse a seita de Jesus, os seus discípulos inventaram a ressurreição de Jesus de Nazaré como o ponto ápice da fé. Para que isso acontecesse, os discípulos roubam o corpo de Jesus no sepulcro e dão a um destino desconhecido por todos. Assim, através dessa invenção e de outras criações ilusórias baseado na esperança falsa funda-se a nova religião de Jesus (SCHWEITZER, 2005).

Não obstante, o primeiro período de investigação perdura até os anos 1900 com inúmeros rostos, ou seja, várias proposições, suposições de pesquisadores que se lançaram na aventura de descobrir quem realmente é o Jesus histórico. Por isso, foi citado o pensamento de Reimarus não por uma desconsideração dos outros diversos pensamentos, mas, porque foi precursor da “*old quest*” (BARBOSA, 2014).

No entanto, vale salientar que esses múltiplos debates da primeira fase se conduziram a uma crise profunda na área acadêmica acerca da pesquisa do Jesus histórico, por causa das inúmeras interpretações que surgiram no decorrer do tempo, levando assim, a um descrédito. De um lado, os iluministas e os racionalistas que advogam por um Jesus puramente terreno, e de outro lado, a posição da igreja, que advogam por um Jesus que é o Cristo (Idem).

Portanto, com as variadas posições interpretativas acerca de Jesus de Nazaré, fez com que gerasse uma descrença na pesquisa histórica. Muitos teólogos, procuravam insistentemente a reerguer a investigação através de artifícios rigorosos que sustentasse a uma aproximação do Jesus histórico. Com isso, apareceu uma nova fase com a tentativa de restabelecer o debate do Jesus histórico com Rudolf Bultmann (1884-1976), e o seu discípulo luterano Ernst Kasemann (1906-1998). Esses dois teólogos, reacenderam a discussão do evento Jesus de Nazaré pelos quais influenciaram muitos outros teólogos na pesquisa histórica (GERD; ANNETTE, 2015).

2.4 A SEGUNDA INVESTIGAÇÃO “NEW QUEST”

A maioria dos teólogos, como para Barbaglio, o “*New quest*”, a segunda busca ou investigação consiste na tentativa de uma nova interpretação sobre a vida de Jesus de Nazaré. Enquanto, a primeira investigação enfatizava somente a vertente racionalista, naturalista e histórica. A segunda investigação, foi uma nova busca de tentar explicitar a relação do Jesus histórico e o Cristo da fé. Acredita-se, que essa segunda busca foi entre os anos de (1953) com Ernst Kasemann discípulo de Bultmann. No entanto, entre os anos de (1920-1950) o personagem Bultmann foi o teólogo de transição entre a primeira investigação e a segunda busca do Jesus histórico, o qual, o seu pensamento foi mais acenado em sublinhar o dado do Cristo da fé, dispensando o dado histórico de Jesus “*No quest*”. Com outras palavras, neste período de Bultmann, houve uma estagnação sobre a pesquisa do Jesus histórico e teve mais foco no Cristo da fé (BARBOSA, 2014).

O luterano alemão Rudolf Bultmann (1884-1976) foi um teólogo muito brilhante nas suas posições teológicas. O seu pensamento consistia numa nova maneira de abordar a vida de Jesus de Nazaré a partir dos evangelhos. No ano de 1941, Bultmann apresenta a sua nova obra “o novo testamento e a mitologia” que apresenta o seu

método teológico de pesquisa. O autor, neste livro teológico, fundamenta o seu pensamento com as noções luteranas “*sola fides e sola scriptura*”, com a reta intenção de interpretar as Sagradas Escrituras; conservando a simplicidade da palavra para revertê-la de forma significativa e acessível para o homem moderno. Outro subsidio da sua investigação, baseia-se que toda alocação dos evangelhos está assinalada pelo estilo mitológico (BULTMANN, 2003).

Para Bultmann, não é mais possível acreditar no mundo de hoje nos fenômenos sobrenaturais que as Sagradas Escrituras apresentam. “Não podemos usar a luz elétrica e o rádio, ou, em episódio de doença, apelar às modernas descobertas médicas e, ao mesmo tempo, crer no mundo dos espíritos e dos milagres que o Novo Testamento nos indica” (BULTMANN, 1970, p. 110). Bultmann compreende a palavra mito do mesmo modo que Strauss. A expressão mito é o transvestimento das ideias das primeiras comunidades cristãs, ordenadas por meio de uma inocência poética em relação as narrações dos evangelhos de cunho sobrenatural (ALFREDO, 1993).

A concepção de Strauss, agora é tomado por Bultmann com o objetivo de libertar a vida de Jesus de sua manifestação mítica. Esse método bultmanniano é chamado de desmitologização. Segundo Bultmann, desmitologização é uma via de interpretação do Novo Testamento que versa de redescobrir o seu significado mais profundo, e oculto que está por detrás das percepções mitológicas. Essa percepção de Rudolf Bultmann é oposta a teologia liberal que admitia ser plausível reconstruir a vida legítima de Jesus a partir do método histórico-crítico. O caminho de entrada para o Jesus histórico, no pensamento bultmanniano, está fechado, ou seja, é impossível de ser encontrado e o pretexto é claro, não existe fontes suficientes. E além disso sob o ponto de vista teológico não é possível chegar a história de Jesus (BULTMANN, 2003).

Acontece que o dado da fé não traz uma relação primordial com o que Jesus de Nazaré, enquanto existente fez ou deixou de fazer, mas com a pregação (querigma)¹ dos discípulos do Cristo a partir da ação de Deus, ou seja, já por fora do dado da história. Bultmann na sua obra “a história da tradição sinótica de 1921”,

¹ Querigma: advém da palavra grega do verbo “*kerysso*” que tem o sentido de uma proclamação feita por um mensageiro “*kérix*” que anuncia uma ordem autorizada “*kerygma*” pelo rei, que exige que seja realizada. No sentido cristão, querigma significa o anúncio, a proclamação da boa nova de Jesus Cristo declarado na pregação dos seus discípulos a partir da força do Espírito Santo (GIBELLINI, Rosino, 1998).

demonstra que os aspectos dos evangelhos não são narrações de estilo crônico, mas são narrações de testemunhos de fé retirados do contexto vivo (*sitz im Leben*) das primeiras pregações dos discípulos. Para Bultmann, é o Cristo da fé que se obtêm informações relevantes através das mensagens documentadas dos seus seguidores (GIBELLINI, 1998).

Assim, o método de demitização, é um processo de dissipação de tudo aquilo que é mito, no qual está inserido nas narrativas dos testemunhos de fé dos primeiros cristãos acerca de Jesus. Para Bultmann, o Novo Testamento estar cheio de linguagens mitológicas: a encarnação de um ser preexistente, morte de expiação, a descida aos infernos, a ressurreição, a ascensão ao céu, a segunda vinda de Jesus e o fim dos tempos. Desse modo, o objetivo do método é nada mais que possuir o desejo de ter acesso ao verdadeiro significado que a palavra quer expressar (*Ibidem*, p. 35).

E um dado importante que não pode esquecer é que a teologia de Rudolf Bultmann se fundamenta também no pensamento na filosofia existencial heideggeriana. Para Bultmann, a mensagem de Deus não é um mistério que se deve ser entendido, mas deve ser antes compreendido. Na sua concepção, a palavra compreensão é distinto do esclarecimento racional. A palavra compreensão, significa apreender as coisas de modo existencial, por experiência. Assim, a mensagem de Deus que me atinge por meio da experiência deve ser interpretada a partir da dimensão existencial que me estabelece uma resposta de fé. A finalidade de Bultmann é conseguir com que o mito seja expressivo, com um teor profundo de significação, não advinda da sua narração externa, mas no que ele provoca interiormente, na dimensão existencial do ser humano (BARBOSA, 2014).

Após, essa breve exposição do pensamento bultmanniano surge algumas perguntas referentes a tais conhecimentos do Cristo da fé: não seria inocente e até mesmo irracional possuir uma fé que se apoie num ser que não tem história? Teria sentido ter uma fé que se baseia apenas pelos testemunhos de um pequeno grupo de homens acerca de um ser existente, sem imaginar quem realmente ele foi? (*Idem*).

Esses questionamentos estão entre as linhas do pensamento da segunda investigação do Jesus histórico "*new quest*", isto é, o novo período traçado por indagações acerca da vida de Jesus de Nazaré. Este novo período, nasceu com o teólogo Ernst Kasemann (1906-1998), discípulo de Bultmann com a sua conferência proferida em 20 de outubro de 1953 na associação dos ex-alunos de Marburg sobre

o “problema do Jesus histórico”. Uma vez que, esta exposição cristológica de Kasemann, estabeleceu o rompimento com pensamento bultmanniano decididamente por acreditar que o Jesus histórico é o Cristo da fé (GIBELLINI, 1998).

Entretanto, para poder entender o pensamento de Kasemann é necessário compreender dois fatores que estavam ocorrendo na sua época. O primeiro fator, é que existiu dois aspectos essenciais que contribuíram para a pesquisa histórica, a saber, a “teologia dialética”² e o “método bíblico da história das formas”³. Esses dois métodos eram utilizados por vários exegetas, inclusive Bultmann, para poderem obter uma compreensão melhor das evidências dos textos bíblicos (Idem)

O segundo fator, é a compreensão da distinção das terminologias das palavras alemãs “*historie*” (*adj. Historisch*) e “*geschichte*” (*adj. Geschichtlich*) realizado por Martim Kahler em 1892, que também é utilizado por Bultmann. Para ele, as duas palavras se remetem a palavra história, mas com uma diferenciação, a saber, “*historie*”, significa a história no sentido do que ocorreu no passado; podendo ser evidência de reconstrução historiográfica; já “*geschichte*”, significa a história no sentido de episódios do passado que ainda são importantes para o presente e considerável para o futuro (KAHLER apud GIBELLINI, 1998).

Essas distinções terminológicas dessas palavras nos trazem esclarecimentos para entender o pensamento de Kasemann. O Jesus de Nazaré é o Jesus da história “*historie*”, ou seja, o terreno, que se remete ao fato “*de quem ele era*” e que pode ser provavelmente evidência de estudo historiográfico. O Cristo da história “*geschichte*” é o Cristo do querigma que expõe e explica a história de Jesus a partir do pressuposto da sua importância da fé, que traz a salvação para o aqui e o agora (GIBELLINI, 1998).

Nesse contexto, a concepção de Kasemann é advogar que o Cristo do querigma é por identidade o Jesus histórico. Apesar de que ele, concorda com a premissa da teologia liberal de Bultmann, que não é possível acessar ao Jesus histórico pelo motivo que todo aquele que se sugere a pesquisar a vida de Jesus,

² Segundo o comentarista Gibellini, a teologia dialética possuía a concepção discursiva absolutamente da Palavra de Deus, sem fazê-lo derivar de débeis reconstruções históricas. O objetivo desta teologia é voltar à palavra de Deus sem necessitar de elementos históricos (GIBELLINI, 1998).

³ Para o exegeta Zimmermann, o método de história das formas advém do pressuposto de que os escritos do Novo Testamento dizem respeito aos variados gêneros literários, dos quais preservam elementos de tradições em moldes de “formas” e aspectos formais. Desse modo, o método de história das formas é um processo que versa de esclarecer a gênese dos Evangelhos e o desenvolvimento das mesmas (BARBOSA, 2014).

aproximará somente ao Jesus anunciado pelos discípulos (querigma). No entanto, o Jesus histórico é o Cristo do querigma, devida a interpretação de fé dos discípulos após o evento pós-pascal. O Jesus histórico é só entendido no Cristo da fé enquanto objeto de pesquisa histórica, ou seja, no Cristo da fé existem traços históricos que se fazem presentes nos evangelhos (Ibidem, p. 49).

Segundo Kasemann, a comunidade primitiva não podia e nem queria apartar a história “*historie*” da sua própria história “*geschichte*”. Pois, a intenção da comunidade não era fazer uma abstração da sua fé, estabelecendo uma ruptura entre o Jesus de Nazaré e o Cristo da fé, pois as ambas dimensões estão entrelaçadas em uma só Pessoa e um só Senhor. Sublinhar somente a dimensão interpretativa da fé a pessoa de Jesus de Nazaré é cair numa abstração. Por isso, Kasemann afirma que:

A história não se faz historicamente importante pela tradição como tal, senão pela interpretação; a mera constatação de uns atos não basta, senão que se necessita a compreensão dos acontecimentos do passado, que se fizeram objetivos e se permaneceram fixados nos atos. A variação do Kerigma neotestamentário prova que a cristandade primitiva manteve a confissão de sua fé através das mudanças de épocas e situações, ainda quando aquelas transformações a obrigaram a uma modificação da tradição que havia recebido. Ter somente consciência da história (Historie) que vamos arrastando detrás de nós não dá a esta, enquanto tal, nenhuma significação histórica, mesmo que seja completa de maravilhas e milagres. A história (Geschichte) não possui uma significação histórica mais do que na medida em que, por suas questões e suas respostas, fala em nosso tempo presente, encontrando por tanto uns interpretes que entendam essas questões e essas respostas para o nosso tempo e as apresentam (KASEMANN, 1978, 164-165).

Desse modo, Kasemann afirma que a fé pascal é o fundamento do querigma e não é a primeira e nem a única a lhe dar conteúdo. Para ele, existe uma ação antecedente de Deus que precede a fé e isso se corrobora na pregação e na vida terrena de Jesus. Com outras palavras, à ação de Deus se exprime na história antes da nossa fé que manifestou a sua graça na vida do Jesus terreno a favor da nossa salvação (Idem).

O segundo período “*new quest*”, foi marcado por vários teólogos adeptos que aderiram a via de restabelecimento entre o Jesus histórico e o Cristo da fé, como Braun, Bornkamm, Conzemann, Ebeling, Fuchs (GILBELLINI, 1998), entre outros que investiram nesta linha de pensamento na constituição do rosto de Jesus de Nazaré. Embora que, o objetivo não é mencionar os seus pensamentos por motivo pedagógico, vale ressaltar a seguinte consideração: que os objetivos destes teólogos; consistiam na tentativa de construir uma cristologia pautada na relação entre história

e fé, procurando restabelecer uma ligação entre a primeira investigação com o pensamento de Bultmann (BARBOSA, 2014).

A “*new quest*” favoreceu bastante com os seus subsídios cristológicos, uma vez que, não alcançou fazer uma demarcação clara das margens da verificação histórica, esquecendo muitos outros elementos históricos como o contexto cultural e social. Por isso, não alcançaram concluir sob uma visão lógica e completa da figura de Jesus. Com isso, deve haver uma nova reformulação metódica histórica que possa incluir mais fatores de conhecimento que se identificam com o Jesus histórico mais global. E nesta perspectiva inicia a terceira investigação com um teor mais social e cultural (BARBAGLIO, 2014).

2.5 A TERCEIRA INVESTIGAÇÃO “THIRD QUEST”

Para a maioria dos pesquisadores, a “*third quest*”, se refere ao período da terceira investigação ou busca do Jesus histórico. Esta nova fase tem como novidade uma nova perspectiva investigativa histórica, que inclui os aspetos, do social, do político, do econômico e do religioso da vida de Jesus de Nazaré que visa a partir do enfoque do judaísmo do seu tempo. Uma característica geral desta época é a fundamentação da pesquisa histórica que precisa dirigir-se por si mesma, de acordo com as fontes originais, que são autênticas, documentárias de modo legítimo (BARBAGLIO, 2011).

A “*third quest*” é um período muito marcado por uma multiplicidade de concepções acerca do Jesus histórico. Vários teólogos, chegaram a resultados distintos a respeito da reconstrução da face de Jesus de Nazaré, por causa da diferenciação das abordagens aplicadas na mesma. Essa época ganhou o título de “nebulosa” formada por diversos eixos de pesquisas. Os eixos de interpretações da maioria dos teólogos desta fase, estão centrados na perspectiva de uma construção do Jesus histórico a partir do seu contexto sociocultural (MARGUERAT Apud BARBAGLIO, 2011).

Para se ter uma ideia da diversificada variação das interpretações dos teólogos, será exposto dois pensamentos de autores de forma concisa que são estreitamente distintos nas suas formas de enxergar a vida de Jesus de Nazaré. O primeiro, Sanders que visa Jesus como um profeta escatológico; o segundo, Crossan que enxerga Jesus

como um camponês hebreu mediterrâneo de inclinação cínica. Tudo aponta que, a terceira investigação iniciou em meados dos anos (1970) com uma nova virada interpretativa, após algumas descobertas de novos elementos que contribuíram para a pesquisa histórica de Jesus. Por exemplo, a publicação dos manuscritos do mar Morto que contribuíram aos cientistas uma visão do judaísmo mais inovada e apurada. E o auxílio interdisciplinar de outros campos acadêmicos, que ajudaram na tentativa de reconstruir o quebra-cabeça do rosto de Jesus, como a arqueologia e a história. (BORNKAMM, 2005).

Contudo, nos anos de (1980), aconteceu um forte evento acadêmico da realidade do mundo anglo-americano contra o império da pesquisa histórica alemã. E um dos autores, que se destacou nesta nova crítica da pesquisa do Jesus histórico foi o pensamento de E. P. Sanders (1937). Na sua obra “Jesus e o Judaísmo” de 1935, ofereceu novos rumos para a pesquisa histórica da vida de Jesus de Nazaré numa perspectiva escatológica. O seu pensamento, consiste em buscar uma compreensão da vida do Jesus histórico a partir do seu contexto religioso e sócio-cultural, isto é, o judaísmo (BARBAGLIO, 2011).

A concepção de Sanders, é oposta ao ceticismo da escola alemã “*new quest*” que defendiam a premissa que era impossível construir o rosto, a personalidade do Jesus histórico. E por não terem um fundamento sócio-cultural de Jesus, fazendo dele um ser inexistente. Por isso, a sua pesquisa histórica é totalmente desvinculada do teor teológico acerca da problemática relação do Jesus histórico e o Cristo da fé. Na sua ótica, a pesquisa histórica deve ser guiada por si mesma baseada nas fontes originárias e nos documentos autênticos fidedignos de credibilidade científica (GERD; ANNETTE, 2015).

No entanto, Sanders extrai dos evangelhos uma particularidade da vida de Jesus, que é a sua dimensão profética, e à luz dela, desenvolve o seu pensamento. Ele expõe na sua obra, um aspecto relevante, de como os testemunhos apontam para o episódio que Jesus tivesse um projeto definido. Esse projeto versa na restauração das doze tribos de Israel desejada pelo povo hebreu, que tinham a tomada de consciência que receberam a missão de organizar o povo para a chegada do Reino de Deus. E Jesus é o profeta traçado (para futuro), é o cumprimento das esperanças dos judeus que irá restaurar Israel (BARBAGLIO, 2011).

Outro autor, deste terceiro período de investigação que merece menção é o americano Jonh Dominic Crossan (1934). A sua pesquisa acerca do Jesus histórico está contida na sua trilogia publicada em português que se classifica do seguinte modo: a primeira obra, “o Jesus histórico: vida de um camponês judeu do mediterrâneo, de 1991”; a segunda obra, “o nascimento do cristianismo. O que aconteceu nos anos seguiram à execução de Jesus, de 1998”; e a terceira obra, “em busca de Paulo: como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano”, em coparticipação do arqueólogo Jonathan L. Reed, de 2004 (AUGUSTO; MACHADO, 2009)

Para Crossan, Jesus de Nazaré foi um camponês cínico⁴ por causa dos seus eventos existenciais praticados na sua vida pública. Ele, caracteriza esses fatos existenciais da vida de Jesus de uma espécie de um cinismo judaico. Essa sua interpretação, parte de uma concepção escatológica voltado para o presente, ou seja, o “*eschaton*” possui a conotação do aqui, do agora e não acerca do fim das coisas, do (mundo). Mas, faz referência ao fim do mal, da injustiça, da violência espalhado no mundo. (CROSSAN, 1994)

Crossan, definiu esse “*eschaton*” como uma grande limpeza do mundo na sua conferência realizada no Rio de Janeiro em 2007, durante o I Seminário Internacional do Jesus histórico. Assim ele diz:

O Reino de Deus era uma expressão normalmente utilizada para o que chamo de “grande limpeza divina” deste mundo. Era o que este mundo seria se e quando Deus se sentasse no trono de César ou se e quando Deus morasse no palácio de Antipas. Isso está muito claro nestas frases paralelas da oração do Pai-Nosso em Mt 6, 10: “Venha o teu Reino, seja feita tua vontade, na terra como no céu”. O Reino de Deus se refere à vontade de Deus para esta terra aqui embaixo. E tal presença terrestre combina, naturalmente, com tudo o que vimos até agora em termos de expectativa escatológica apocalíptica. É sobre a transformação deste mundo em santidade e não sobre a evacuação deste mundo para o céu (CHEVITARESE; CORNELLI, 2009, p. 20).

Dessa forma, Crossan discorria o seu pensamento pautado numa escatologia do presente, isto é, que o Reino de Deus era para o tempo do aqui, do agora, do hoje, do momento atual. Segundo ele, Jesus tentava persuadir com as suas palavras,

⁴ Cínico: era considerado seguidor do cinismo, uma corrente filosófica grega fundada pelo discípulo de Sócrates chamado de Antístenes no ano de 400 a. C. O modo de vida dos filósofos que aderiam o movimento filosófico se classificava como aqueles que desmereciam as alianças sociais e viviam de uma forma itinerante desprezando todo apego material (GERD Theissen; ANNETE Merz, 2015).

sobretudo com o seu exemplo de vida de camponês galileu da época, a convencer as pessoas a aderirem o projeto do Reino de Deus na terra. Com isso, Jesus propôs uma ética do igualitarismo adverso de toda camada de classe e da comensalidade aberta a todos sem acepção de pessoas colocando em debates o código da religião, e fazendo diversas curas das enfermidades de todos aqueles que viam até ele (BARBAGLIO, 2011).

Outro aspecto que se pode destacar do pensamento de Crossan é o dado político. Para ele, o Reino de Deus é 100% político e 100% religioso. As duas características do Reino de Deus estão entrelaçadas um no outro, estão totalmente em unidade. Reino é uma expressão política e Deus uma expressão religiosa. Para Crossan, no primeiro século não existia tal distinção por causa do sentido comum que eles tinham na época. Por exemplo, recordemos do termo escrito nas moedas romanas, onde se assegurava que César era o *“Divi Filius”* ou “Filho de Deus”, ou seja, naquele tempo não existia distinção entre política e religião (CHEVITARESE; CORNELLI, 2009).

Diante das implicações desses três períodos de abordagem da pesquisa do Jesus histórico que foi visto até aqui: *“old quest”*, *“new quest”* e a *“third quest”* surge três perguntas pertinentes: será que essas possíveis reconstruções históricas não acabam sendo muito mais constituições hermenêuticas da vida de Jesus? A pesquisa do Jesus histórico, mesmo almejando exibir uma compreensão mais objetiva da vida de Jesus, livre do dogma não caiu numa emaranhada teia de possíveis interpretações? Será que a culpa de não conseguir demonstrar uma aproximação histórica plausível da vida de Jesus é o método histórico-crítico? (BARBOSA, 2014).

Por isso, perante essa breve exposição histórica das fases de reconstrução do rosto de Jesus de Nazaré com esses questionamentos acima. Será exibido no capítulo seguinte, a concepção do Jesus histórico no pensamento do teólogo Ratzinger que colaborou com a sua pesquisa histórica de modo extraordinário. Este teólogo, procurou dialogar dentro da pesquisa histórica o dado da razão fundamentado na fé (Ibidem, p. 52).

3 A RELAÇÃO ENTRE O JESUS HISTÓRICO E O CRISTO DA FÉ NA CONCEPÇÃO DE JOSEPH RAZTINGER

O pensamento cristológico do teólogo Joseph Ratzinger, acerca da construção do rosto do Jesus histórico, é interpretado de modo distinto das vertentes que possuem os pressupostos exegéticos modernos, a saber, os que atribuem por um lado somente o aspecto histórico “*old quest*”; e por outro lado somente ao aspecto da fé “*no quest*” e também diferente da cristologia da “*new quest*” que tinham uma cristologia implícita e explícita. Para Ratzinger, todas as especulações cristológicas desenvolvidas por esses períodos são desconsiderados por terem uma visão dicotômica da pessoa do Jesus de Nazaré (BARBOSA, 2014).

Como já foi visto, ao longo desses mais de duzentos anos de pesquisa da vida de Jesus de Nazaré, o método histórico-crítico atravessou esses anos como o método científico primordial, para poder chegar a uma possível evidência concreta e histórica. Entretanto, a respeito desse método, Ratzinger é muito crítico, devido a sua limitação interpretativa dos fatos que são instrumentalizados pelos respectivos pesquisadores de cada época, que exprimem um Jesus incompleto, vazio, sem sentido (RATZINGER, 2007).

Por isso, será feito neste capítulo a concepção cristológica de Ratzinger que exprimi a sua construção histórica do Jesus de Nazaré fundamentado na unidade entre os dados da história e da fé. Para ele, o Jesus de Nazaré é o Cristo da fé. A história e a fé estão entrelaçadas de modo intrínseco, na pessoa do Jesus histórico, porque não existe a possibilidade de separar o nome do título de Jesus (BARBOSA, 2014).

Com isso, Ratzinger, converge os pressupostos da primeira investigação com os da segunda investigação do Jesus histórico traçando uma leitura cristológica marcado na unidade Jesus de Nazaré como o Cristo da fé. No entanto, essa unidade entre o nome Jesus e o atributo Cristo, é consolidado a partir da correlação com o Pai desde do primeiro instante da sua existência terrena, isto é, desde o momento que veio para o mundo se revelar como “Filho” (RATZINGER, 2014a).

3.1 O PENSAMENTO DE JOSEPH RATZINGER ACERCA DO MÉTODO HISTÓRICO-CRÍTICO

Antes de ser percorrido sobre o pensamento de Ratzinger acerca do método histórico, vale ressaltar que, o teólogo não é contra o método histórico-crítico, mas pelo contrário, compreende a sua relevância. A sua crítica em relação ao método histórico-crítico que está exprimida em várias de suas produções, é devido a aplicação do método histórico pelos pesquisadores que negam o dado da fé, excluindo assim, a dimensão dogmática, deixando um vazio, uma lacuna na história. (RATZINGER, 2007).

Contudo, é necessário expandir os critérios do método histórico-crítico no campo de pesquisa, de poder incluir possíveis dados que compete a história, no caso do aspecto da fé. Desse modo, será elaborado não uma crítica no sentido negativo, de desvalorizar o método histórico-crítico. Opostamente a isso, será aludido a fantástica construção do Jesus Histórico na concepção de Ratzinger levando em consideração o dado da fé (BARBOSA, 2014).

Pois bem, durante o segundo período da construção histórica de Jesus de Nazaré “*new quest*”, o teólogo Ratzinger lança a sua obra a “Introdução ao Cristianismo” no ano de (1967) que versa acerca da fé cristã a partir da profissão do Credo apostólico. Com a finalidade, de exprimir uma nova compreensão do dado da fé como possibilidade de uma verdadeira existência na dimensão humana no mundo de hoje (RATZINGER, 2014 a). Nesta obra, existem dois aspectos que caminham em sintonia, a saber, a razão e a fé sendo uma expressão harmoniosa de uma genuína unidade voltado à explicitação da Trindade (BARBOSA, 2014).

Com isso, na segunda parte deste livro, Ratzinger faz alusão a fé cristã no Jesus de Nazaré no qual é considerado o “Filho de Deus”:

O ser humano histórico Jesus é o Filho de Deus, e o Filho de Deus é o ser humano Jesus. Deus acontece para o ser humano por meio do ser humano ou, falando de modo mais concreto ainda, por esse ser humano, no qual se manifesta o elemento definitivo do ser humano e que é, justamente nessa condição, simultaneamente Deus mesmo (RATZINGER, 2014, p. 146 a).

Para provar essa afirmação da filiação divina, o teólogo inicia com uma crítica ao contexto teológico de sua época, que visavam uma construção do rosto de Jesus de Nazaré somente a partir de elementos históricos. Pois, para os adversários de

Ratzinger era impossível levar em consideração o dado da fé no método histórico-crítico, devido a suposta abstração que ela possui em si. Desse modo, surge a pergunta: pode-se objetivar a vida de Jesus de Nazaré somente a partir de dados históricos? (Ibidem, p.148 a).

Segundo o teólogo Ratzinger não. O método histórico-crítico é questionável por causa da sua limitação perante os fatos da história, ou seja, não consegue captar, apreender com profundidade o fenômeno que o objeto quer se mostrar. Porque os efeitos humanos expressos em forma de documentos e registros contemplam o abismo da existência humana de modo insuficiente, quando não a camuflam por completo. Por essa razão, a sua interpretação provém muito mais de um indivíduo com o seu jeito metódico de pesquisar o dado histórico. Para Ratzinger, a verdade plena está além da comprovação científica por registros e documentos. O método histórico-crítico pode até clarear a dimensão humana de Jesus Nazaré, mas será muito complexo de conseguir encontrar o ser do Cristo (Ibidem p. 147a).

Ratzinger na sua obra “Ser cristão na era neopãga”, no dia 27 de janeiro de 1988, como já Cardeal e prefeito da “Congregação para a Doutrina da Fé”, fez uma conferência que tem por tema “a crise da interpretação bíblica: a questão dos fundamentos e das abordagens modernas na exegese”. Este pronunciamento foi feito para os teólogos e intelectuais da “*Rockford Institute Center on religion and Society*”, que abordou a crise de abordagem do método histórico-crítico. A crítica de Ratzinger, consiste no desfavorecimento dos pesquisadores que empregam o método histórico como recurso de abordagem, e não aceitam o elemento da fé como componente do método (RATZINGER, 2014b).

Para Ratzinger, durante esses duzentos anos de pesquisas, houve uma multiplicidade reconstruções do Jesus histórico que em vez de poder Tê-lo esclarecido, fez-Lhe ofuscar, ou seja, obscureceram por causa das compreensões limitadas e reduzidas. Isso ocorreu, a vista das incontáveis leituras subjetivas dos quais são frutos de pensamentos particulares que não perceberam o caos histórico que estavam realizando (BARBOSA, 2014).

Então, surge a pergunta: como é possível encontrar uma compreensão da vida de Jesus que não seja fundamentado por razões subjetivas, individualistas, mas que consinta em ouvir a mensagem dos evangelhos, dos documentos e registros e não alguma coisa que proceda da pura subjetividade? O problema está no pesquisador ou

no método? Como é possível chegar a uma compreensão da preexistência verdadeira de Jesus de Nazaré? Voltando para a exposição da conferência, a proposta de Ratzinger, é de poder chegar uma compreensão plausível do Jesus histórico no encontro harmonioso entre a análise histórica e a hermenêutica (fé). A sua tese, fundamenta-se na seguinte argumentação: “o que necessitamos é uma crítica da crítica, não de fora, mas a partir do potencial auto-crítico intrínseco a todo pensamento crítico” (RATZINGER, 2014 b).

Ratzinger propõe um método crítico da exegese histórica que procure evidenciar uma crítica a priori da crítica que será aplicado no objeto de estudo com uma abordagem diacrônica. Esclarece ele que, este rigorismo tem por finalidade de aumentar a força crítica da própria razão histórica, para que possa ser manifestado um resultado de um evento histórico de forma sólida e verdadeira. Ratzinger expõe essa premissa, por causa das várias interpretações subjetivas dos pesquisadores que tiram as suas próprias conclusões transferindo para o dado de pesquisa. Por essa razão, o aspecto da interpretação jamais pode ser uma frívola reprodução daquilo que foi no passado, mas exige um esforço do interprete de entrar em, de estar no meio de, estar em presença de, ou seja, de uma correlação entre o sujeito e o objeto. Dessa correlação, se obtém o conhecimento do fenômeno do estudo (Ibidem, p.28 b).

Dessa forma, Ratzinger exprime que se introduzir esse método crítico da exegese histórica que cognominou de abordagem diacrônica os descobrimentos da exegese, terá a seguinte conclusão:

Depois de cerca de duzentos anos de trabalho histórico-crítico sobre os textos, não podemos mais atribuir igual peso a todos os resultados. Agora, é preciso considerá-los no contexto da sua história particular. Fica portanto, claro que essa história não é simplesmente um progresso que vai de conclusões imprecisas para outras mais precisas e objetivas. Ela se apresenta mais como uma história de inter-relações subjetivas, cujo procedimento corresponde exatamente aos desenvolvimentos da história espiritual e que se refletem sob a forma de interpretações de textos. Na leitura diacrônica da exegese, os seus pressupostos filosóficos se esclarecem (RATZINGER, 2014, p.29 b)

Para Ratzinger, os resultados das construções do Jesus histórico durante esses duzentos anos de pesquisas cristológicas refletem muito mais o espírito dos pesquisadores de cada época do que do objeto pesquisado “*em si*”. Pois o exegeta verifica com um teor mais crítico que as diversas concepções interpretativas, no fundo

é imagem construída do pesquisador que favorece mais a sua consciência subjetiva do que a manifestação própria do objeto de estudo (Idem).

O interessante que, depois de quase vinte anos desta conferência, Ratzinger continua com o mesmo pensamento acerca do método histórico. No prefácio da sua primeira parte da obra “Jesus de Nazaré do Batismo à Transfiguração”, que foi confeccionado já no terceiro período da construção do rosto do Jesus histórico. O vivaz teólogo, demonstra que a pesquisa histórica conduziu as interpretações do Jesus histórico cada vez mais afastada da fé. Assim, restabelecendo um Jesus histórico incompleto, vazio, do qual pode se dirigir a uma história deficiente, defectiva e imperfeita (RATZINGER, 2007).

Entretanto, para a elaboração deste livro, Ratzinger tem como apoio metodológico duas influências, a saber, por meio do pensamento de Rudolf Schnackenburg, exegeta católico alemão que confeccionou a obra: “a Pessoa de Cristo no espelho dos quatros Evangelhos”, que faz uma abordagem do Jesus histórico na perspectiva da fé; e a encíclica “*Divino affante spiritu*” que é um documento de menção muito relevante para a exegese católica. Assim, Ratzinger também parte da consideração do método histórico-crítico a partir da fé, com o seguinte julgamento, não existe realizar um trabalho exegético bíblico sem dar a atenção a história que faz parte de um modo intrínseco (Ibidem, p. 12).

Para Ratzinger, a fé é um dado histórico. O teólogo Ciola no seu livro “Introdução a Cristologia” faz referência ao pensamento de Kasper que faz a seguinte ponderação acerca da fé como evento histórico:

Conceber a fé como evento histórico não significa operar uma redução historicista, pois “a história não é uma mera sucessão de eventos históricos isolados, mas algo de muito fundamental: ela se enraíza na liberdade humana e significa que o homem não existe apenas a partir de realidades previamente dadas, do passado, mas que ele determina o seu presente a partir de novos projetos para o futuro; o homem é o ser aberto por princípio ao novo e ao que não se pode deduzir” (KASPER apud CIOLA, 1992, p.18-19).

Ciola parte do pressuposto da teologia católica, que o dado da fé se faz presente na história pelo motivo do aspecto da “revelação de Deus na história através de sinais e palavras (DV. n° 4)”. E Jesus Cristo, é a personificação representativa da revelação histórica concreta de Deus na história do homem. Para a teologia católica, a revelação é uma ação de autocomunicação de Deus ao ser humano que se

estabelece por palavras e atos de forma harmoniosa que culminam nos eventos da pessoa de Jesus Cristo (CIOLA, 1992).

Evidentemente consciente dessa afirmação, Ratzinger na sua obra “Jesus de Nazaré” a primeira parte procura ir mais além do exegeta Rudolf Schnackenburg, de apresentar o Jesus real a partir da comunhão com o Pai (RATZINGER, 2007). E para isso ele vai inserir outro método de pesquisa chamado de “exegese canônica” ou “católica”, que não possui nenhuma contraposição com método histórico, mas pelo contrário, eles estão em total consonância devido a suas correspondências. (Ibidem, p. 15). A “exegese católica” somente procura evidenciar uma leitura numa perspectiva racional à luz da fé, trazendo uma nova maneira de interpretação aos textos bíblicos. (BARBOSA, 2014).

Portanto, a partir do método histórico-crítico à luz da fé, o pensamento de Ratzinger procura demonstrar a construção da vida de Jesus de Nazaré como o Cristo da fé, o Jesus real. A sua afirmação é fundamentada nos registros dos evangelhos que são os documentos mais fidedignos de legitimidade científica (RATZINGER, 2007). Por isso, será discorrido agora a cristologia do “Filho” no pensamento de Joseph Ratzinger.

3.2 A CRISTOLOGIA DO FILHO

Afinal quem é Jesus de Nazaré para Ratzinger? Qual é a relação do Jesus histórico e o Cristo da fé na sua concepção? Para ele, a relação dá-se na unidade, ou seja, o Jesus histórico é o Cristo Jesus, cem por cento homem e cem por cento Deus de modo integral, único e irrestrito. Para consolidar esse pressuposto, a sua cristologia é desenvolvida a partir dos evangelhos que retratam a identificação da atribuição do nome de Cristo a Jesus. Isso quer dizer que, o título Cristo atribuído a Jesus, assim como Kaiser, Czar, César, são expressões que exprimem uma função, um encargo. O que isso significa? (BARBOSA, 2014).

O percurso cristológico percorrido de Ratzinger, parte da concepção que não existe a possibilidade de separar a ligação do nome Jesus de Nazaré com a sua função, ou seja, o Jesus histórico foi aquilo que fez e faz. Com isso, Ratzinger expõe a partir do estudo do teólogo Ferdinand Kattenbusch (1897) acerca do discurso do imperador “*Kaiser Wilhelm*”:

ele observa que o título Kaiser já virou praticamente parte integrante do próprio nome, de modo que as palavras “Kaiser” e “Willhelm” aparecem como inseparáveis uma da outra; mesmo assim têm toda consciência do fato de que a palavra “Kaiser” não é apenas um nome, mas exprime uma função. Encontramos um fenômeno bem parecido na fusão das palavras “Cristo Jesus” que se formou da mesma maneira: Cristo é título e, ao mesmo tempo, faz parte do nome único do homem de Nazaré. Nesse processo de fusão do nome com o título, a ponto de o título virar parte integrante do nome, acontece muito mais do que um simples capricho esquecido da história, como vimos no exemplo citado. Nele se manifesta, na verdade, o cerne mais profundo entendimento realizado pela fé em relação à figura de Jesus de Nazaré. Pois o enunciado verdadeiro da fé consiste em dizer que não é possível distinguir nesse Jesus a função da pessoa; nele, essa diferença perde a sua razão de ser. A pessoa é a função e a função é a pessoa. Ambos estão ligados de forma inseparável (RATZINGER, 2014, p.152 a).

Portanto, para Ratzinger a pessoa de Jesus é a sua função e vice-versa. O que o teólogo está querendo exprimir é que os eventos realizados por Jesus de Nazaré, tais como, as suas ações, as suas atitudes e as suas obras foram feitas por sua pessoa. Então, compreender a pessoa do Jesus histórico como o Cristo alude a adotar que Ele é aquilo que faz, isto é, Jesus é inerente o que faz de tal modo que não existe a possibilidade de distinguir os seus feitos da sua pessoa. O eu é a obra e a obra é o eu (Idem).

Desse modo, para o alemão, os efeitos da vida de Jesus de Nazaré foram uma genuína doação que chegou no seu auge extremo por meio da sua morte de cruz, ou seja, ele doou a sua vida para o outro (Mc, 15, 33-39). Pois, é neste evento de cruz que se apresenta de modo explícito as categorias de Jesus de Nazaré de forma idênticas, a saber, a sua mensagem, a sua missão e a sua existência. É no evento da cruz que os cristãos percebem nitidamente essas camadas todas juntas, em uma só pessoa. Isso significa que, a doação do crucificado é uma ação radical de ser aquilo que ele disse e fez, assim:

A sua existência é a sua palavra. Ele é palavra, porque é amor. A partir da cruz, a fé passa a entender cada vez mais que nele a missão e a pessoa são idênticas, de modo que ele já é aquilo que ele diz. João só precisa tirar desse fato as últimas consequências; a ideia cristológica básica de seu evangelho é esta: esse Jesus Cristo é “palavra”, é “verbo”; uma pessoa que não apenas tem palavras, mas que a sua palavra e a sua obra, que é o próprio logos (a palavra, a razão), desde sempre e para sempre; ela é o fundamento sobre qual se ergue o mundo (Ibidem, p. 154 a).

Dessa forma, no pensamento de Ratzinger não existe a dissociação das dimensões da vida de Jesus de Nazaré, ele é a palavra, o “logos”, é tudo aquilo que fez e realizou aqui no tempo transitório. Todavia, a fé cristã, se fundamentou no evento Jesus de Nazaré como o Cristo, compreendido como uma pessoa que é palavra e

“Filho”, por causa da relação de amor que é feito com o Pai. Pois, através da relação entre “Pai e Filho” que ocorreu o elo da manifestação de amor e posteriormente de fé em Jesus como o “Filho de Deus”. (BARBOSA, 2014).

O evangelho de João, explicita muito bem acerca da relação entre o “Filho e o Pai” da seguinte maneira:

“Diz-lhes Jesus: Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vem ao Pai a não ser por mim. Se me conheceis, também conhecereis meu Pai. Desde agora o conheceis e o vistes”. Filipe lhe diz: “Senhor, mostra-nos o Pai e isso nos basta! Diz-lhe Jesus: “Há tanto tempo estou convosco e tu não me conheces Filipe? Quem me vê, vê o Pai. Como podes dizer: ‘Mostra-nos o Pai’? Não crês que estou no Pai e o Pai está em mim? As palavras que vos digo, não as digo por mim mesmo, mas o Pai, que permanece em mim, realiza suas obras. Crede-me: eu estou no Pai e o Pai em mim (Jo, 14,6-11).

Para Ratzinger, toda a manifestação de amor revelada pelo “Filho” é a expressão do “Pai”, que apresenta um novo modo de ser humano inserido no mundo. Jesus de Nazaré foi o homem originário por excelência que revelou o verdadeiro jeito de ser “Filho de Deus”. A cristologia ratzingeriana, expressa que todo homem que está aberto para acolher o modo de ser de Jesus de Nazaré, está sendo um adepto de uma vida existencial voltado para Deus. Seguir a Jesus, significa dirigir-se a Deus. De fato, Deus tornou-se homem, para que a criatura humana se restabelecesse para sempre na unidade de Deus. Assim sendo, seguir Jesus de Nazaré, o Cristo é tornar-se verdadeiramente homem unindo a sua humanidade com a de Deus (RATZINGER, 2013).

Segundo o teólogo Barbosa, ser cristão é todo aquele que ama, assim como Deus ama. Nesse sentido, amar é ser bom e generoso com o próximo, de modo especial com aqueles que mais precisam de ajuda seja na área material ou espiritual. Ser cristão é sair de si, do seu mundo, e perceber que o outro é a sua extensão, o seu irmão. A fé é a evidência, que é dada por Deus e recebida pela abertura do sujeito que capta não por suas próprias forças, mas pela graça que lhe foi dada. Abrindo assim, no seu interior um reconhecimento que se pode amar o outro a partir de Deus que nos amou por primeiro, devido a experiência sincera que teve com Deus. Neste reconhecimento de abertura do homem, Deus age e transforma-o segundo a sua semelhança (BARBOSA, 2014).

No entanto, essa tese dita é fundamentada na cristologia do “Filho” de Ratzinger a partir da correlação entre o “Filho e o Pai”, que é baseado na vida de

oração de Jesus de Nazaré (Jo, 17 1-26). Para o teólogo, o evento da experiência da oração de Jesus é uma evidência singular que comprova a correlação do “Filho e o Pai” (Abba). Porque é nesta relação que se evidencia que a vida de Jesus se desdobra numa existência de forma “a partir de” e um “ser para”, dos quais, essas expressões estão intrinsecamente ligadas na sua missão. Para Ratzinger, o Jesus histórico só pode ser compreendido a partir da sua correlação com o Pai (RATZINGER, 2014 a).

O evangelho de Mateus, apresenta essa intimidade do “Filho” com o “Pai” do seguinte modo:

Por esse tempo, pôs-se Jesus a dizer: “Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e doutores e as revelastes aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado. Tudo me foi entregue por meu Pai, e ninguém conhece o Filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar (Mt 11,25-27).

Na concepção de Ratzinger, os Cânons do Novo Testamento não separam a filiação do “Filho” com a paternidade do “Pai”. Pois não existe a possibilidade de construir uma cristologia do “Filho” sem ter uma relação com o “Pai”, ou seja, não pode ser pensado uma cristologia do “Filho” sem a paternidade do “Pai”; assim como não pode ser pensado uma paternidade sem a filiação do “Filho”. O Deus que se apresenta no Novo Testamento é um Deus de correlação com o Cristo (BARBOSA, 2014).

Jesus perante Deus que o chama de Pai “*Abba*” na oração, apresenta aos seus com metáfora paterna, se revelando como “Filho” unido aos outros filhos, porque todos foram licenciados a chamar Deus de “*Abba*”, por meio do projeto salvífico de Deus que nos deu o seu “Filho” (Jo 3,16). Por isso, pode-se falar que o “Filho” é a expressão do “Pai” na terra que não só anunciou a si mesmo afirmando que “Eu e o Pai somos um” (Jo 10, 30), mas também “fez a vontade do Pai” (Jo 6,38). Dessa forma, a correlação do “Filho” com o “Pai” é uma unidade indivisível, sem distinção e separação (BARBAGLIO, 2011).

Em concordância com o pensamento de Ratzinger, está a compreensão teológica de Ladaria a respeito da correlação entre o “Filho” e o “Pai” que diz da seguinte maneira: “a paternidade” de Deus e a “filiação” de Jesus estão em estrita correlação. Porque Jesus viveu “filiação”, revelou-nos a Deus como Pai e mostrou-nos a si mesmo como Filho de Deus”. (LADARIA, 2005, p. 58). Para o teólogo Ladaria,

o título “*Filho de Deus*” indica, mais do que qualquer outro, a identidade última de Jesus, já que põe em destaque a sua relação única com Deus. Assim ele diz:

Retenhamos, no momento, dois pontos: em primeiro lugar Jesus, desde sempre o Filho de Deus, vive de algum modo enquanto homem uma história de filiação; na ressurreição, aquele que é desde o começo Filho de Deus é constituído Filho de Deus em poder. Em segundo lugar, nessa história intervém o “espírito de santidade”: essa história da filiação divina enquanto homem está ligada à atuação do Espírito em Jesus, o Cristo (Ibidem, 2005, p.66).

Ratzinger na sua obra manifesta a seguinte concepção acerca da correlação do “*Filho*” Jesus de Nazaré com o “Pai”:

A ideia de que Deus só pode ser conhecido como Pai de Jesus Cristo, mas que assim é verdadeiramente acessível e que também Jesus só se torna compreensível como “Filho”, já no Novo Testamento é radicalizada de tal modo que a dependência do conhecimento de Deus da relação Pai-Jesus, Pai-Filho não só é considerada uma forma do nosso conhecimento, um acréscimo e algo exterior (ou até irrelevante) quanto a Deus, mas é tomada como essencial para Deus mesmo. É realizada por ele e é inseparável dele, não acendendo de fora para nós. É algo próprio Dele: Deus, de fato, existe na relação Pai-Filho, ela lhe pertence essencialmente. Ele só pode ser apreendido como relação: desse modo, é-nos o cerne essencial e básico da doutrina da Trindade, tornando-se claro o seu conteúdo propriamente dito, central (RATZINGER, 2013, p. 87-88).

Portanto, para o teólogo Ratzinger o Jesus histórico é aquele que se identifica, que se identifica com a sua função, a sua obra, o seu serviço, a sua missão que estão intrinsecamente ligados à sua vida através da relação com o Pai. Neste sentido, ele diz que “somente aquele que se põe por inteiro a serviço dos outros, numa maneira de desprendimento e esvaziamento absoluto de si mesmo transformando-se praticamente nela, é justamente o homem verdadeiro, o homem do futuro, a convergência do homem com Deus” (Ibidem, p.169).

Assim como o pensamento de Ratzinger, o teólogo Karl Barth (1886-1968), apresentou no seu pensamento cristológico a relevância do esvaziamento de Jesus de Nazaré em obediência ao “Pai”:

Eis, portanto, qual é a realidade de Jesus Cristo: Deus mesmo em pessoa está presente e age na carne. Deus mesmo em pessoa é o sujeito de um ser e de um agir realmente humano. E é justamente assim, e não de outra forma, que este ser e este agir são reais. É um ser e um agir autêntico e verdadeiramente humano. Sua humanidade [Jesus] não é senão o atributo da sua divindade, ou antes, em termos concretos: ela não é senão o atributo, assumido no decurso de um rebaixamento incompreensível, da Palavra que age em nós e que é o Senhor (BARTH apud SCHILSON; KASPER, 1990, p. 48).

Para Barth, o rebaixamento de Jesus consistiu no atribuir “em si” todas as ações humanas em estreita relação com o “Pai”. A humanidade de Jesus de Nazaré foi a revelação do Pai, o rosto divino de Deus, que com o seu modo de ser manifestou o amor do “Pai” ao mundo inteiro. Uma vez que, essa manifestação é o próprio Deus em pessoa que age no mundo de modo humano e divino ao mesmo tempo, com a intenção de mostrar o seu amor (SCHILSON; KASPER, 1990).

Segundo Barth, Jesus de Nazaré, o Cristo, o verdadeiro Deus e verdadeiro homem, é àquilo que faz, isto é, àquilo que realiza no mundo terreno. Barth, não se apreende em análises abstratas acerca das duas naturezas, mas descobre a filiação divina de Jesus de Nazaré a partir da sua morte. Para Karl Barth, o despojamento da morte de Jesus de Nazaré é o evento revelador, por sublimidade, de sua filiação que está inteiramente vinculado com a paternidade do “Pai” (DUQUOC, 1980).

Contudo, é na filiação de Jesus de Nazaré que se manifesta de forma expressiva o mais íntimo evento de relacionamento com o “Pai”, pois é esse ser “Filho”, que define admiravelmente a pessoa do Jesus histórico. No pensamento de Ratzinger, a revelação da filiação expõe de forma visível a evidência da correlação entre o “Filho” e o “Pai”. Segundo o comentarista Sarto, “não podemos, portanto, encontrar Jesus de Nazaré sem a oração, sem introduzirmos nesse diálogo contínuo do Filho com o Pai” (SARTO, 2011, p. 389). Com outras palavras, o aspecto do diálogo entre “Filho-Pai” que advém a compreensão da existência do “Filho” Jesus de Nazaré e o seu serviço oblativo (BARBOSA, 2014).

3.3 O JESUS HISTÓRICO É O CRISTO DA FÉ

Dessa forma, para o teólogo Ratzinger, esse “Filho de Deus” é sem sombras de dúvidas, o Jesus histórico, o Cristo da fé. Para ele, não existe uma separação dicotômica entre o nome Jesus (pessoa) e o título Cristo (obra), ambos são a mesma pessoa. O desenvolvimento da sua cristologia é nada mais que uma refutação aos teólogos da época que não aceitavam a perspectiva dogmática da tradição. Desse modo, Ratzinger faz uma crítica forte a alguns pensamentos de teólogos que representaram os períodos do “*no quest*” e da “*new quest*” (RATZINGER, 2014 a).

O primeiro teólogo criticado foi o luterano Harnack (1851-1930), que exprimia a sua cristologia que Jesus de Nazaré anunciava somente o “Pai”. E, por isso, era

necessário voltar a esse tipo de anúncio, isto é, deixemos de pregar o Cristo e anunciemos o “Pai”, do qual era pregado por Jesus. Para o luterano, o “Pai” era a pessoa que estabelecia a união de todos pelo patrocínio do amor, uma vez que a anunciação pós-pascal do Cristo dos discípulos, influenciado pela cultura helênica, foi culpado por inúmeras divisões que incidiram ao longo da história (BARBOSA, 2014).

Para Ratzinger, o pensamento de Harnack chegou a um momento da história que o seu discurso foi comprovado que não passava de uma aspiração romântica, de uma utopia do historiador, de uma imagem de sua vontade, que se esvanece na medida em que se aproxima com mais exatidão do Jesus histórico. Para o teólogo Ratzinger, o pensamento de Harnack foi um ideal projetado segundo a sua subjetividade, com o objetivo de torna-se livre da influência da concepção da tradição (RATZINGER, 2014a).

Em contrapartida, a análise crítica de Ratzinger recaí também contra o grande expoente do “*no quest*” Rudolf Bultmann (1884-1976), que rompe com o pensamento do seu mestre Harnack. O seu pensamento está voltado para o Cristo do querigma, o Jesus pregado a partir da fé dos apóstolos, no qual temos registros viáveis que comentam o evento Jesus. No entanto, como Ratzinger é minucioso e sutil nas suas análises, se questiona: é possível uma fé em uma pessoa que não se amparasse em alguma coisa histórica? Não ficaria uma crença completamente incompleta e vazia de sentido? (BARBOSA, 2014)

Para Joseph Ratzinger, é inconcebível no evento Jesus de Nazaré, a separação das dimensões da história e da fé. Foi visto que, na sua concepção cristológica que a relação entre o Jesus histórico e o Cristo da fé são idênticos, ou seja, a pessoa e a função se tornam uma única realidade. Dessa forma, ele expõe:

Mesmo assim não foi totalmente em vão o processo de idas e vindas do espírito moderno entre Jesus e Cristo, cujas etapas principais em nosso século tentei recapitular. Acho até que essa experiência pode assumir uma função orientadora no sentido de mostrar que um lado (Jesus) não existe sem o outro (Cristo) e que um remete necessariamente o outro porque, na verdade, Jesus só existe como o Cristo e o Cristo só existe em Jesus (RATZINGER, 2014, p. 151 a).

Porventura, esse pensamento de Joseph Ratzinger trouxe grandes discussões no meio acadêmico da sua época. Ao sugerir no meio acadêmico que o método histórico-crítico não é capaz de readquirir a verdade dos fatos, devido a sua limitação, ou seja, de não conseguir voltar ao passado e comprovar o que realmente aconteceu,

suscitando assim, vários questionamentos sobre a vida de Jesus de Nazaré. Para ele, uma leitura acerca do evento Jesus de Nazaré somente pelo viés histórico é delimitar o seu “ser”, isto é, reduzir o ser do Cristo por instrumentos focalizados em inúmeros registros encontrados que não são garantia de uma possível comprovação da verdade. Entretanto, é uma leitura errônea também da vida de Jesus de Nazaré somente na perspectiva do querigma (fé), no qual nos tira a base histórica do Cristo fazendo assim, uma construção do Jesus histórico desencarnado (Ibidem, p. 60 a).

A análise crítica de Ratzinger a “*new quest*”, consiste na sutileza e na distinção deste período da compreensão da construção do Jesus histórico. Embora que, Kasemann e seus contemporâneos suscitasse a premissa da obrigação da história para o entendimento da fé no Cristo. Os pesquisadores principais da segunda investigação fundamentavam uma cristologia a partir de dois modos interpretativos que são: o modo implícito e o modo explícito. Arno Schilson e Walter Kasper oferecem um bom significado das ambas posições cristológicas, a saber, a implícita, significa a forma que se pode discernir a partir dos testemunhos dos evangelhos sob a autoridade e ações do Jesus histórico; já a explícita é a forma interpretativa dos testemunhos do evangelho a partir da vida do Jesus pós-pascal, o querigmático, o pregado, o anunciado (SCHILSON, KASPER, 1990).

Desse modo, Ratzinger parte de uma reconstrução do Jesus histórico de modo distinto da segunda investigação “*new quest*”. Na sua cristologia não existe as duas formas interpretativas, a implícita e a explícita. Para ele, a existência de Jesus de Nazaré não tornou Deus simplesmente compreensível por meio das suas atitudes, mas de antemão, revelou Deus, se mostrando como Deus através das suas ações existenciais do que se fez e do que se disse. Isto, é muito mais que uma pregação, é um modo de ser e fazer todo próprio no mundo que revela o Jesus histórico como o Cristo da fé no meio dos homens, sem separação dos dados da história e da fé (BARBOSA, 2014).

No pensamento de Joseph Ratzinger, para poder conseguir captar e apreender a sua exposição criptológica acerca da reconstrução do Jesus histórico é necessário a conexão dos dados efusivos do amor e da fé. Todavia, a pessoa que reconhece Jesus de Nazaré como o Cristo da fé, que entendeu a integração da pessoa de Jesus e a sua obra até a extrema doação fez um elo entre amor e fé, assim ele diz:

Pois quem reconhece o Cristo em Jesus e, só nele, o Jesus como o Cristo, quem apreende como elemento decisivo a unidade total entre a pessoa e a obra, esse deixou para trás a exclusividade da fé e a sua oposição ao amor, uma vez que uniu ambos numa coisa só, tornando impensável a sua separação mútua. O elo de ligação entre Jesus e Cristo, a unidade de pessoa e obra, a identidade de um ser humano com o ato de entrega – tudo isto quer dizer também que existe um elo de ligação entre amor e fé, porque o eu de Jesus, a sua pessoa colocada totalmente no centro, possui justamente a peculiaridade de não estar num isolamento autodeterminado, uma vez que o seu ser vem do tu, que é o pai, e é ser para vós, que são os homens (RATZINGER, 2014, p. 156 a).

Contudo, para Ratzinger a conexão entre o amor e a fé são os subsídios que iluminam o ser humano, a ter a compreensão da unidade de Jesus de Nazaré como o Cristo. E ao mesmo tempo, o discernimento que não faz sentido a separação da pessoa do título, devido que um se remete ao outro de forma unívoca. O teólogo Bruno Forte, expõe na sua obra “Jesus de Nazaré: história de Deus e Deus na história”, uma concepção cristológica do teólogo Pannenberg que exprime essa unidade entre o nome e a função de Jesus da seguinte maneira:

Ora, quando nas fórmulas culturais-querigmáticas se diz “Jesus”, pensa-se no Nazareno com toda a sua história, e, portanto, no filho de Maria, no carpinteiro de Nazaré, no pregador do Reino, no realizador de sinais, no humilhado e crucificado. É ele, na inteireza das suas vicissitudes, que são atribuídas a condição divina e a função salvífico-escatológica significadas nos títulos Senhor e Cristo. Em outras palavras, Jesus foi Senhor e Messias desde o primeiro instante de sua história, embora apenas a Ressurreição venha manifestar plenamente a sua unidade com Deus, que antes da Páscoa era só antecipada e prolepticamente significada na autoridade de sua pretensão (PANNENBERG apud FORTE, 1985, p. 116).

Desse modo, pode-se afirmar a partir dessa interpretação, que existem vários mistérios da vida de Jesus de Nazaré que são explanadas nos evangelhos que comprovam a unidade entre o Nazareno e o Cristo. Por exemplo, o evento do batismo que possui uma declaração gloriosa “Tu és o meu filho amado, em ti me comprazo” (Mc 1, 9-11; Cf. Mt 3, 13 – 17 e Lc 3, 21-22); tem também, o evento da transfiguração que possui outra atestação gloriosa “Este é o meu filho amado; ouvi-o”. (Mc 9, 2-8; Mt 17, 1-8 e Lc 9, 28-36). Todavia, esses mistérios da vida de Jesus de Nazaré possuem um fundamento que determina a unidade entre a história e a fé, no sentido de uma clara profissão dos apóstolos acerca da integridade, da identidade de Jesus de Nazaré com o Pai, desde o momento de sua encarnação (GRANADOS, 2009).

O teólogo Bruno Forte, manifesta nesta sua obra, que a fé da comunidade primitiva, sob a condição de fé da experiência do Ressuscitado, tendo aqui a sua fundamentação histórica. Professa que o homem Jesus de Nazaré foi desde o

primeiro momento de sua existência terrena, o “Filho de Deus” que entrou na história temporal de forma verdadeiramente humana, que revelou o rosto divino de Deus (FORTE, 1985).

Com isso, a novidade que Joseph Ratzinger contribui neste segundo período de investigação do Jesus histórico e o Cristo da fé é nada mais que a sua unidade, ou seja, não existe a possibilidade de uma separação. Pois não faz sentido explicitar o lado histórico sem se remeter ao lado da fé e vice-versa. Separar um do outro contornaria a fé como uma mera crença mitológica, um mundo que não teria nada de histórico, ou seja, nada de concreto como as mitologias gregas, persas, nórdicas entre outras. Assim, para Ratzinger os elementos da história e da fé estão intrinsecamente ligados no evento Jesus de Nazaré, nos quais as duas dimensões estão fundidas numa única unidade (BARBOSA, 2014).

Portanto, depois dessa breve exposição da concepção cristológica de Ratzinger acerca da unidade do nome “Jesus” e do título “Cristo”, será aludido agora no terceiro capítulo acerca da constatação, da fundamentação do seu pensamento. Assim, será exposto a implicação dessa unidade entre o nome e o título que revela as duas naturezas do Jesus histórico, ou seja, a divina e a humana. Pois, Ratzinger pretende afirmar a partir da união hipostática que o Jesus histórico é o Jesus Real, o Jesus dos evangelhos. (RATZINGER, 2007).

4 O JESUS REAL NA PERSPECTIVA DE RATZINGER

Neste último capítulo, vai ser tratado acerca do fundamento teológico de Ratzinger a respeito da sua associação, da sua junção do aspecto histórico da “*old quest*”, com o dado da fé da “*new quest*” acerca do Jesus histórico, que advém da profissão de fé do dogma de Calcedônia. (DIRSCHERL,2007). Para ele, a proclamação do Jesus histórico como o Cristo da fé é alusiva aos testemunhos dos discípulos desde o começo das primeiras comunidades cristãs e transmitidas até hoje na Igreja (RATZINGER, 2014 a).

Dessa forma, esse Jesus histórico que possui as duas naturezas ao mesmo tempo, a divina e a humana, é nada mais que o Jesus real que exprimi os evangelhos. O Papa Bento XVI no prefácio de seu livro “Jesus de Nazaré”, expressa o seu anseio de ilustrar a figura e a mensagem de Jesus de uma forma concreta e real, de esclarecer da melhor forma possível as evidências da vida do Jesus histórico que é apresentado nos evangelhos (RATZINGER, 2011).

Para isso, Ratzinger vai abordar a respeito da construção do Jesus real enfocando a partir do diálogo com a terceira investigação “*third quest*”, expondo as suas análises a partir do método exegético chamado canônico. E também, apresentando a sua crítica a concepção judaica do Jesus histórico do rabino Jacob Neusner que em seu livro chamado “um Rabino conversa com Jesus” alude várias críticas da vida do nazareno. (BARBOSA, 2014).

E por fim, será feito uma breve exposição das autoafirmações de Jesus presentes no evangelho, buscando esclarecer as alegações que Jesus faz de si mesmo como o “Filho do Homem”, “Filho” e “Eu Sou”. Pois, o Papa Bento XVI alega que todos os títulos que foram remetidos ao Jesus histórico se referem ao Jesus real por causa da implicação da relação entre o “Filho” e o “Pai” (RATZINGER, 2007).

4.1 A UNIÃO HIPOSTÁTICA DE JESUS

O dogma da união hipostática, foi proclamado no Concílio de Calcedônia no ano de 451 que declarava que Jesus de Nazaré, o Cristo possuía duas naturezas, a saber, a humana e a divina de forma una, sem separação. Para Kasper, esse dogma constitui na união ou na unidade pessoal, segundo a pessoa. Termo teológico, que formula o conteúdo principal da fórmula de Calcedônia que declara que Jesus Cristo é ao mesmo tempo Deus e homem devido a unidade com Deus Pai (SCHILSON, Arno; KASPER, Walter, 1990).

Essa concepção foi estabelecida a interesse de fé por causa da heresia do monge Êutiques, que afirmava que em Jesus, a natureza divina “absorvia” a natureza humana. Era como se Cristo tivesse apenas a natureza divina. Esta concepção herética, foi chamada de “monofisismo”, que significa uma só natureza (CHECHINATO, 2006).

Como foi visto, o pensamento cristológico do teólogo Ratzinger na sua obra “Introdução ao Cristianismo” está sobreposto sobre a junção dos pressupostos cristológicos da primeira investigação “*old quest*”, com o da segunda investigação “*new quest*”. Procedendo assim, o Jesus histórico como o Cristo, ou seja, a unidade da história e da fé (BARBOSA, 2014). Todavia, esta preposição de Ratzinger, é nada mais que um reflexo, um desdobramento teológico da fé cristã declarado no dogma cristológico, professado pela Igreja em Calcedônia (RATZINGER, 2014, a).

O teólogo Schmaus no seu livro, expõe de modo descritivo o dogma cristológico, fazendo referência a condição de “Filho de Deus” a Jesus de Nazaré da seguinte maneira:

Há um só Deus. Esta é a verdade fundamental a que se chega na revelação do Antigo Testamento. O histórico Jesus de Nazaré, o filho de Maria, da linhagem de Davi, Crucificado em Jerusalém e Ressuscitado ao terceiro dia entre os mortos, é verdadeiramente o Filho desse único Deus vivo, o Filho de Javé, sendo ele mesmo verdadeiramente Deus. Este Filho de Javé se fez verdadeiro homem no tempo determinado por Deus, não se transformando numa existência criada, mas incorporando a criatura sua eterna existência divina. Com isso ele permaneceu um só e o mesmo: Jesus Cristo. Assim, pois, devemos dizer: Jesus Cristo é Deus em pleno sentido como Javé, seu Pai, e, ao mesmo tempo, homem completo, como nós (1977, p. 176).

Ratzinger, expõe que aprendeu a conhecer e ver Jesus Cristo a partir da hermenêutica do dogma de Calcedônia, sob a condição do favorecimento da interpretação da tradição eclesiástica regulado pela história e pela fé. Assim ele diz:

A tradição eclesiástica na qual até hoje se conservou com vigor vital o movimento histórico fundado por Jesus me dá ao mesmo tempo confiança para a tradição bíblica, à qual atribuo mais realidade do que às tentativas de reconstruir na retorta da razão histórica um Jesus histórico quimicamente puro. Confio na tradição em toda a sua amplitude. Quanto mais reconstruções vejo surgir e desaparecer tanto mais me sinto confirmado nessa confiança. Vejo sempre com mais clareza que a hermenêutica de Calcedônia é a única que não precisa suprimir nada por meio de interpretações e pode aceitar tudo (2013, p. 121).

Joseph Ratzinger, admite que a concepção dogmática do Cristo conferido pela Igreja, é mais plausível que todos os amontoados de pressupostos modernos que procuram sustentar por termos históricos, supostas vidas do Jesus de Nazaré. Com uma certa ironia, ele afirma que “acreditaria com mais facilidade na possibilidade de Deus se tornar homem, do que na probabilidade das diversas hipóteses acerca da construção do Jesus histórico” (RATZINGER, 2014. p. 161 a). Com isso, Ratzinger vai expor uma descrição teológica sobre o dogma cristológico de dois modos, a saber, acerca da natureza divina e depois da natureza humana (Idem).

Para ele, a natureza divina está inteiramente em consonância com a expressão “Filho de Deus”. Esse termo possui a sua gênese na realeza do Antigo Testamento, que tem a sua fundamentação de uma maneira desmitologizada da realeza do Oriente e, subsequentemente, conferida à teologia política de Roma. (BARBOSA, 2014).

A expressão “Filho de Deus”, era atribuído aos reis do Egito que acreditavam ser gerados por Deus. Entretanto, na Babilônia essa crença foi desmitologizada e a ideia de rei como “Filho de Deus” já tinha sido modificado, em sua essência, em ato de Natureza Jurídica. Com isso, Israel assume a expressão “Filho de Deus” a partir de uma nova compreensão, não da ideia procriativa do rei pela divindade, mas pela concepção de que o rei se tornava “Filho” por causa da sua eleição, ou seja, porque Deus o escolheu (RATZINGER, 2014 a).

Dessa forma, com a transformação de mentalidade teológica da realeza do aspecto da “geração” (posição oriental) para o aspecto da “escolha” (posição de Israel), desdobrou-se, agora para uma nova transformação, a teologia da esperança do rei vindouro. O oráculo, “Tu és meu filho; eu, hoje te gerei, pede-me, e dou-te em patrimônio as nações” (Sl 2, 7-8), que era lido no rito de entronização do rei à realeza

do Antigo Testamento, foi visto sob uma nova ótica pela comunidade primitiva. Destarte, os primeiros cristãos, reinterpretaram através da revelação que a expressão “Filho de Deus” é a pessoa de Jesus de Nazaré, por causa da sua ressurreição dos mortos, e por isso a comunidade primitiva compreendeu e acreditou que esses versículos dos salmos se transformaram finalmente em realidade (RATZINGER, 2014, a):

A ideia do Filho de Deus é, na verdade, um produto do segundo estágio de desmitologização da ideia da realeza oriental que antes já tinha sofrido uma desmitologização prévia no Antigo Testamento. Ela chama Jesus de herdeiro real do universo, o herdeiro da promessa em que se cumpre o sentido da teologia davídica. Ao mesmo tempo, percebe-se que a ideia da realeza, aplicada dessa maneira a Jesus em forma do título de filho, vem associada à ideia do servo. Como rei, ele é servo, e como servo de Deus ele é rei (Ibidem, p. 164).

A polaridade das palavras “filho e servo” são intrínsecas na pessoa de Jesus de Nazaré. A sua condição de servo já não é compreendida como uma ação, atrás do qual permanece a pessoa de Jesus em si, agora ela é interligada na existência inteira de Jesus, de modo que o seu próprio ser se torna serviço. Jesus é a obra e vice e versa. E, precisamente pelo fato de esse ser como um todo não ser nada mais do que serviço, ele é ser “Filho” (Ibidem p.169).

Para Ratzinger, esse ser, “Filho de Deus” assumiu toda a finitude da natureza humana, menos o pecado. Para ele, o Jesus histórico é o ser humano exemplar, o último Adão como ensina Paulo (1Cor 14, 45). Jesus como ser humano, transcende a sua natureza humana devido ao seu serviço ao homem. Pois, segundo Joseph Ratzinger o ser humano está tanto mais em si mesmo quanto mais ele estiver no outro. Ele só chega verdadeiramente em si na medida em que ele sair de si. Ele chega a si mesmo pelo outro e pelo ser no outro (Ibidem p.174).

Segundo o nosso Teólogo, o ser humano é ser humano porque transcende infinitamente a si mesmo, isto é, ele se torna cada vez mais ser humano quando sai de si mesmo e abrisse para o outro. Com efeito, Jesus de Nazaré é o homem que por excelência se tornou homem até o extremo, devido ao seu esvaziamento da sua condição divina para a nossa condição humana (Fil 2, 7), ultrapassando os limites do ser humano e tornando assim o homem exemplar, o segundo Adão (Ibidem, p. 175).

De acordo com o pensamento de Ratzinger, o pensamento teológico de Pannenberg, visa a concepção paulina de Jesus Cristo como o segundo Adão. Uma

premissa escatológica que contém uma alusão social, que mira a comunhão dos homens, assim pannenberg diz:

Pois é dito que “nós trazemos” a imagem do novo homem celestial (1Cor 15,49), que devemos ser “transformados” (2 Cor 3.18) em sua imagem. Como *eschatos Adam*, portanto, Jesus Cristo é o protótipo de uma unidade a ser renovada segundo sua imagem, a saber, por meio da participação em sua obediência, em seu morrer e sua ressurreição. Esse pensamento constituía em Paulo o motivo soteriológico da cristologia adâmica, e esse motivo também permaneceu ativo na teologia patrística (2009, p. 432).

É nesse sentido, que Ratzinger exprime a sua concepção escatológica a respeito da natureza humana de Jesus como um novo adão, pelo motivo da unidade do ser humano como um todo a Deus, isto é, reunir toda humanidade em um só rebanho, segundo o modo da imagem do pastor que é Jesus. Para Joseph Ratzinger, a expressão paulina “corpo de Cristo” é a imagem perfeita que representa a unidade entre Deus e a humanidade (RATZINGER, 2014a).

A teóloga Tracey Rowland, no seu livro “a fé de Ratzinger: a teologia do Papa Bento VI”, expõe uma afirmação acerca da concepção escatológica de Ratzinger da seguinte maneira. O “Cristo é o Adão escatológico já apontado pelo primeiro Adão, a verdadeira imagem de Deus que transforma o homem, mais uma vez, na semelhança de Deus” (ROWLAND, Tracey, 2013, p. 60).

Portanto, para Ratzinger a partir da fé eclesial o Jesus histórico tem duas naturezas, a saber, a humana e a divina; dos quais as ambas dimensões se formam uma só unidade, sem separação e sem fragmentação em consonância de modo integral com a história e a fé. Uma vez que, essa unidade está intrinsecamente relacionada ao dado da relação entre o Filho e o Pai e vice-versa (RATZINGER, 2014a). Dirscherl, afirma que Ratzinger introduz em Jesus Cristo “a comunhão do ser divino e do ser humano” (DIRSCHERL,2007, p. 106). Segundo ele, a cristologia de Ratzinger “fundamenta-se no dogma de Calcedônia: afirmando que Jesus Cristo é uma pessoa em duas naturezas, é Deus verdadeiro e Homem verdadeiro, sem confusão nem divisão” (Idem).

4.2 O JESUS REAL NA PERSPECTIVA DE RATZINGER

Entretanto, já se passaram quarenta anos, desde a obra “Introdução ao Cristianismo” até o seu novo livro chamado “Jesus de Nazaré”. Como foi apresentado,

houve inúmeras especulações acerca da construção do Jesus de Nazaré no século XX. Assim, foi abordado os bastidores das querelas que se passaram durante os períodos da *“old quest”* e da *“new quest”*. Contudo, após essas épocas de discussões cristológicas, adveio o terceiro período *“third quest”* com uma nova roupagem interpretativa do Jesus histórico a partir do viés dos contextos antropológicos, religiosos, culturais, sociais e da política. De fato, esses tipos de abordagens são aplicados até hoje nas pesquisas (BARBOSA, 2014).

Segundo o teólogo Martínez, durante todo o exercício teológico de Joseph Ratzinger até a sua obra *“Jesus de Nazaré”* existiu três momentos distintos de pensamentos, a saber, o primeiro, como professor universitário em Munique; o segundo, como perito no Concílio Vaticano II; e o terceiro como prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé e como Papa (MARTÍNEZ, 2009). Então surge a pergunta: depois de mais de quarenta anos de pesquisa da *“third quest”*, o pensamento cristológico de Ratzinger modificou ou continua o mesmo? Com isso, o objetivo neste subtítulo é responder essa pergunta e apresentar de modo conciso, o diálogo de Ratzinger com o terceiro período de investigação da construção do Jesus histórico (BARBOSA, 2014).

O teólogo Ratzinger já como Papa Bento XVI, na introdução do seu livro *“Jesus de Nazaré”*, diz que *“quis fazer uma tentativa de exibir o Jesus dos evangelhos como Jesus real, como o Jesus histórico em sentido verdadeiro e próprio”* (RATZINGER, 2007). A investigação de um Jesus real é a razão que conduz Bento XVI a escrever uma trilogia acerca da vida Jesus de Nazaré: *“do Batismo à Transfiguração”*, *“da entrada em Jerusalém até à Ressurreição”* e a *“infância de Jesus”*. Desse modo, percebe-se que o estilo do autor é traçado em uma direção que inicia com a vida pública de Jesus, passando depois para o evento central da sua vida ao refletir a respeito do período da sua vida em Jerusalém e, por fim, apresenta-nos de modo resumido uma interpretação teológica da infância de Jesus (BRITO, 2014). Não obstante, por motivos metodológicos será tratado somente sobre a primeira obra da sua trilogia *“Jesus de Nazaré: do Batismo à Transfiguração”* (Idem).

Nesse trajeto, existe uma implicação necessária de abordar dois aspectos de suma relevância que se encontra nesta obra do Papa Bento XVI: o seu método, que é a partir da exegese canônica, e a sua crítica a obra *“Um Rabino conversa com Jesus”* do judeu Jacob Neusner (BARBOSA, 2014). Contudo, vale ressaltar, antes de

ser comentado esses dois aspectos para poder obter um melhor entendimento, que Ratzinger já tinha delineado uma imagem de Jesus Cristo na segunda parte do seu livro “Introdução ao Cristianismo”. Do qual, ele, procura dar a conhecer o Jesus histórico a partir do “Credo”, ou seja, da profissão de fé da igreja, afirmando que o Jesus histórico é o Cristo da fé, cem por cento Deus e cem por cento Homem (RATZINGER, 2014a). Pois, uma ampla parte dos temas mencionados neste livro foram aprofundados na trilogia sobre “Jesus de Nazaré” (BRITO, 2014).

Com isso, mencionando o primeiro aspecto relevante desta obra de Ratzinger é o método da exegese canônica. Nascida nos Estados Unidos da América, o método tem como objetivo a interpretação dos textos bíblicos a partir da própria Sagradas Escrituras em sua conjuntura, isto é, de uma leitura da Bíblia a partir do dado da fé dentro da comunidade dos fiéis. Dessa forma, este método vem trazer uma nova forma de interpretação dos textos bíblicos regulado pelo dado da fé. A exegese canônica, busca atualizar para o hoje a mensagem de Deus, não desassociando do método-histórico crítico, mas antes complementando. (BARBOSA, 2014).

O segundo aspecto, é voltado para a dimensão da terceira investigação *“third quest”* do Jesus histórico, que é enfatizado pelos teólogos a partir dos contextos sociológicos, religiosos e culturais. Assim, para poder argumentar sobre Jesus dentro do contexto da terceira busca, é necessário falar da religião judaica. Por isso, Bento XVI procura fazer um diálogo crítico ao pensamento de Jacob Neusner que é um dos representantes da *“third quest”*. (Ibidem, p.67).

Neusner, Expõe uma série de argumentos críticos aos ensinamentos de Jesus a partir do evangelho de Mateus que é o estilo mais judaico. Para ele, Jesus é um dos numerosos sábios, apresentadores da Torá que anunciaram a sua própria Torá, isto é, uma atualização da Torá de Deus dada a Moisés. Por isso, a crítica do rabino a Jesus é de uma pessoa “exclusivista” pelo fato de que ele falou da Torá como se falasse em seu próprio nome, ao contrário dos sábios e dos profetas que anunciavam a Torá em nome de Deus (Ibidem, p. 68).

Para o rabino, Jesus foi uma pessoa que teve autoridade, mas de uma autoridade que não foi da mesma forma que teve Moisés sob a autoridade de Deus. Jesus apareceu como um mestre à parte, e talvez, colocou-se como superior a própria Torá. Desse modo, para Neusner, não são os ensinamentos de Jesus, mas antes, a sua figura que atraiu os discípulos (Idem). Assim ele diz:

Senhor, como pode falar sob sua própria autoridade e não a partir dos ensinamentos da Torá que Deus entregou a Moisés no Sinai? Parece que o senhor se considera Moisés, ou mais ainda que Moisés. Mas a Torá de Moisés não me adverte que Deus viria a dar instrução – torá – através de outras pessoas além de Moisés e os demais profetas; ou de que haverá outra Torá. Não sei, então, como reagir ao que o senhor reclama. O senhor é um “eu”, mas a Torá fala somente para um “nós”, o “nós” de Israel, incluindo o senhor (NEUSNER, 1994, p. 11).

Outra crítica do rabino Neusner, é a contestação dos argumentos de Jesus a respeito de três mandamentos ao longo dos capítulos do seu livro. Segundo Ratzinger, é acerca do quarto mandamento, “*honrar pai e mãe*”; o terceiro mandamento acerca da “*santificação do sábado*” e por último o mandamento a respeito da santidade “*sede santos, porque eu, o Senhor teu Deus sou santo*” (RATZINGER, 2007). Assim, Neusner começa com o mandamento do honrar pai e mãe. Partindo do princípio de que o Israel eterno é um “nós”, uma comunidade de famílias, todos com mesmos pais e avós, Abraão e Sara, Isaac e Rebeca, Jacó e Lia e Raquel, cujo Deus é o Deus de todos nós (NEUSNER, 1994).

Para o rabino Neusner, Jesus fere o quarto mandamento “*honrar pai e mãe*”, contradiz a Torá abertamente, ao afirmar que eu vim contrapor o homem a seu pai, a filha a sua mãe.... (Ibidem, p. 40). Neusner, questiona que Jesus ao proclamar que para segui-lo é preciso ponderar o chamado acima do amor que tem pelos pais, não traria com isso o fim de Israel, visto que o eterno Israel sustenta a posse da terra em virtude dessa honra dada aos pais? Se todos fizessem o que Jesus sugere, não fragmentaria o lar e a família? Para Neusner, seguir Jesus nisso seria infligir um dos Dez Mandamentos (BARBOSA, 2014).

Em contrapartida a esse pensamento, Bento XVI, afirma que o fruto da obra de Jesus é a universalidade da fé no Deus dos ancestrais, na nova família de Jesus que vai para o além do vínculo carnal. Isso o assinala como o Cristo. O Eu de Jesus, tão evidenciado por Neusner, para Ratzinger corporiza a comunhão da vontade do “Filho” com o do “Pai”. É um Eu que escuta e obedece ao Tu. Assim, Ratzinger percebe uma ascensão ao projeto do quarto mandamento. Pois existe, através de Jesus uma adesão a família por partes daqueles que escutam e obedecem a Deus “Pai” e podem fazer isso dentro do Nós daqueles que, unidos com Jesus, estão na vontade do “Pai” que mais tarde serão chamados de Igreja (RATZINGER, 2007).

O segundo mandamento ponderado por Neusner é sobre o mandamento do “*Shabat*”. Parte do evento em que Jesus colhe espigas em companhia dos seus

discípulos e, a partir disso, faz sua crítica do que está em voga quando Jesus discursa sobre o “*Shabat*”. Para Israel, recordar o dia do “*Shabat*” para santificá-lo formava, e ainda forma aquilo que Israel faz unido, é o que faz o eterno Israel ser o que ele é, o povo que descansa no sétimo dia, assim como Deus na criação (NEUSNER, 1994).

Dessa forma, guardar o “*Shabat*” é uma atitude de imitar a Deus que também descansou após seis dias de criação. Segundo Neusner, Jesus aborda o “*Shabat*” em dois contextos: em nossa correlação com Deus, e no contexto daquilo que realizamos e o que não realizamos nesse dia (Ibidem, p. 37). Pois os mandamentos de guardar os “*sábados e honrar pai e mãe*”, para o rabino são os preceitos que definem Israel, são mandamentos que possuem uma ordem social. O “*Shabat*” é um dia de celebrar, comemorar aquilo que foi criado, um dia de reflexão, de oração e gratidão a Deus (BARBOSA, 2014).

A crítica do rabino Neusner não está voltado às interpretações liberais que Jesus faz sobre o “*Shabat*”. O que está em voga é a autoridade reivindicada, reclamada por Jesus, visto que por meio delas almejava declarar que ele e seus discípulos formavam uma nova instituição diante à antiga. Entretanto, para Bento XVI Jesus de Nazaré compreende-se a si mesmo como a Torá, isto é, como o Deus encarnado, em pessoa. Para ele, o Jesus presente nos sinóticos e no evangelho de João é o verdadeiro Jesus real, o histórico. Assim, aqui percebe-se nitidamente que a relação entre o Jesus histórico e o Cristo da fé conservar-se inalterada após estes quarentas anos desde a obra “Introdução ao Cristianismo” até o livro “Jesus de Nazaré” (RATZINGER, 2007).

E por fim, o último mandamento que Neusner quer analisar à luz dos ensinamentos de Jesus é a acerca da santidade: “sede santos porque Eu, o Senhor vosso Deus, sou santo” (Lev 19, 1). Para versar sobre isso, Neusner empregará o diálogo do jovem rico com Jesus. O rabino incomoda-se com o argumento de Jesus: “se queres ser perfeito” (Mt 19, 21). Ele, não consegue ver essa afirmação como uma resposta à pergunta feita pelo jovem. Este, havia se indagado o que seria necessário fazer “de bom para ganhar a vida eterna” (Mt 19, 16). Para Neusner, a perfeição ordenada por Jesus sugeriria, em desobedecer aos mandamentos de Deus (BARBOSA, 2014).

Para o rabino o terceiro grande mandamento, “sede santos porque eu, o Senhor teu Deus sou santo” (Lev. 19, 1), é um preceito que é apontado não somente à pessoa,

mas a todo o Israel, isto é, um mandamento para toda a comunidade. Neusner enxerga a tese de ser santo como Deus é santo coligada com a guarda dos dez mandamentos. Com outras palavras, relacionando o texto de Levítico 19 com o texto de Êxodo 20. Entretanto, na alocução do jovem rico, Neusner escuta em Jesus que os dez mandamentos são insuficientes para conseguir a santidade, antes incide na pobreza e na obediência a Cristo (Idem, p. 73).

Em contrapartida Bento XVI, discorda mais uma vez do pensamento de Neusner acerca de Jesus. Para Ratzinger, Jesus é a própria Torá e não deve ser visto como um transgressor. Pois, Jesus não transgrediu a Torá, mas ultrapassou, transcendeu a lei, elevando a perfeição, Ratzinger enxerga na fala de Jesus, uma ascensão do “*ethos*” que toca o auge da elevação moral (RATZINGER, 2007).

Portanto, o Judeu Neusner, opostamente à Ratzinger, não consegue enxergar que Jesus ultrapassou a lei. A sua ótica está somente virada a uma pessoa que transgrediu três mandamentos, que assolou a ordem social de Israel para poder segui-lo na sua nova instituição. O discurso de Jesus é uma alocução a uma camada seleta de algumas pessoas, não é ao “nós” de Israel. O rabino Neusner não consegue enxergar, como vê Ratzinger, a resignificação que Jesus faz do povo escolhido, do ser luz para todos os povos. Sendo assim, essa foi a retratação crítica de Bento XVI acerca da obra de Jacob Neusner um expoente da terceira investigação do Jesus histórico (BARBOSA, 2014).

Tendo em vista esse diálogo crítico de Bento XVI ao pensamento de Neusner, o livro “Jesus de Nazaré” busca expor um Jesus real, onde se relaciona a análise racional e lógica da fé, no Jesus pós-pascal baseado no Jesus pré-pascal. A cristologia usada por Bento XVI pode ser situada no contexto da classificação apontada por Walter Kasper, que exibia “uma cristologia de baixo” apoiada pela cristologia “de cima” (KASPER, 1975). Ratzinger, inicia com o evento do batismo a partir da revelação divina, mas tendo sempre como enfoque a cristologia de baixo (BRITO, 2014).

Com isso, Bento XVI centra-se no seguinte versículo “Nunca mais surgiu em Israel um profeta semelhante a Moisés, com quem o senhor falava face a face” (Dt, 34,10). Este versículo é o ponto de partida que assinala uma relação de Jesus com o Pai, ou seja, o profeta Moisés era a prefiguração do próprio Jesus Cristo. Pois a vida de oração de Jesus de Nazaré é sinal deste falar “face a face” (Ibidem, p. 125).

No entanto, o Jesus real na perspectiva de Ratzinger, supera a pessoa de Moisés, pois a sua relação de “Filho com Deus”, está intrinsecamente em unidade. (BARBOSA, 2014). Para Angel Cordovilla, Bento XVI inicia sua ótica acerca de Jesus a partir do título de profeta, pois quer tomar esse aspecto histórico a partir da história exposta no Antigo Testamento para assim atingir a sua pessoa, ou seja, Jesus como “*Filho de Deus*”. Com outras palavras, o “Filho” que vive em intimidade pura com o “Pai” é o profeta que deveria vir ao mundo (CORDOVILLA, 2008).

Dessa forma, a preocupação de Bento XVI é de apresentar o como, nós, alcançamos o Jesus real dos evangelhos. E o ponto nevrálgico é a sua relação com o “Pai”. Desse modo, percebemos que a cristologia de Ratzinger não mudou, continua a mesma posição cristológica do seu livro “Introdução ao Cristianismo”. Como foi visto, é na unidade, na correlação entre o “*Filho e o Pai*” e vice-versa, que o ser do “Filho” se abre inteiramente a Deus e se abre inteiramente para o outro, do qual pode se afirmar que Jesus de Nazaré é Deus (RATZINGER, 2007).

O teólogo Vieira, crítica os supostos três períodos distintos de pensamentos de Ratzinger como advoga o teólogo Martinez. Para Vieira, o pensamento, a visão de Ratzinger é unitária, que possui uma continuidade de pensamento que pode ser vista a partir de uma evolução orgânica (VIEIRA, 2016).

A inquietação de Bento XVI, não é mais discutir as querelas de quarenta anos atrás se o Jesus histórico é o Cristo da fé. Essa problemática já foi superada, ele tem plena consciência que ambos são idênticos, são a mesma pessoa. Agora, o que interessa para Ratzinger é de saber acerca do acesso do Jesus histórico que é o Jesus real. Para ter esse acesso, segundo ele, é imprescindível o dado da fé que advém da experiência pessoal de cada indivíduo que tem com o Jesus. Pois, o sujeito somente tem acesso ao Jesus histórico como o Jesus real somente a partir do encontro de experiência entre ambos. (Ibidem, p.80).

Contudo, a cristologia do Papa Bento XVI sustenta que o Jesus real é o Jesus dos evangelhos, o histórico, o Cristo que se faz presente na vida do sujeito a partir da sua abertura de ser com aquele que é Deus “Filho” no Deus “Pai”. O alcance do Jesus real não vem somente por meio da teologia, mas da experiência viva, existencial com Jesus, através de uma vida como Jesus viveu, em uma abertura para Deus e para o outro. Com isso, após essa breve síntese do pensamento cristológico de Ratzinger

pode-se exprimir juntamente como vários exegetas que o livro “Introdução ao Cristianismo” está totalmente em consonância com a obra “Jesus de Nazaré” (Idem).

Com isso, o Papa Bento XI finaliza a sua obra “Jesus de Nazaré: do batismo à transfiguração” expondo a partir dos evangelhos acerca das autoafirmações de Jesus sobre “Si Mesmo”. Expondo, vários momentos da vida de Jesus de Nazaré, do qual Ele se declara, Ele se alega quem realmente É. A intenção do Papa com essa exposição do Jesus histórico, é nada mais que advogar e ilustrar que este, é o Jesus real que a igreja professa e é o mesmo Jesus que está descrito nos evangelhos. (RATZINGER, 2007).

4.3 AS AUTOAFIRMAÇÕES DE JESUS

“E vós, quem dizeis que sou?” (Mt 16,15) No decurso da vida terrena de Jesus existiu diversas suposições para saber quem ele era realmente. As comparações com os profetas, João Baptista, Elias e a confissão de Pedro despontam as formas de decodificar a figura de Jesus para os seus discípulos. A investigação por saber quem é Jesus permaneceu após a páscoa, assim atribuindo mais três títulos, a saber, o “Cristo” (Messias), “*Kyrios*” (Senhor) e o “Filho de Deus” (BRITO, 2014).

O título de “Cristo” deixou de ser separado, unificando ao nome de Jesus, por causa que “a palavra interpretativa se tornou nome”, atribuindo-se assim um significado mais profundo (RATZINGER, 2014 a). Os outros títulos marcam em direções idênticas, que se enquadravam desde o Antigo Testamento até as primeiras comunidades cristãs, onde a expressão “Senhor” era sinônimo do nome de Deus e a expressão “Filho de Deus” já indicava a comunhão ontológica com Deus, uma relação de unidade entre o “Filho e o Pai” (BRITO, 2014). Assim, será abordado as afirmações que Jesus faz de Si mesmo, que o Papa Bento XVI menciona na sua obra “Jesus de Nazaré” que são “Filho do Homem”, “Filho” e “Eu sou”. (RATZINGER, 2007).

4. 3.1 O Filho do Homem

O termo “Filho do Homem” é a mais empregado por Jesus, quando fala de Si Mesmo, todos os versículos que contém essa expressão no Novo Testamento saem da boca de Jesus, exceto no martírio de Estêvão (At 7,56) que alude as palavras de

Jesus. (BARBAGLIO, 2011). Este título não é o alicerce da cristologia dos escritores do Novo Testamento, entretanto os títulos utilizados no decorrer da vida de Jesus são “Messias”, “*Kyrios*” e “Filho de Deus”. Não obstante, o termo “Filho do Homem” é caracteristicamente das alocações de Jesus, ao ponto de não ser utilizada pelos apóstolos nas pregações, mas está estreitamente vinculada aos outros títulos (RATZINGER, 2007).

O termo “Filho do Homem” era uma palavra nova e admirável, por causa que era pouco usada e implantava-se na pregação de Jesus com expressões enigmáticas e parábolas, em que se necessitava seguir Jesus para o perceber. O evangelho de Marcos expõe uma perícopa, que mostra a recíproca transição entre a palavra homem e a indicação misteriosa de uma nova consciência de missão contida na expressão “*Filho do Homem*” quando diz: “O sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado, de modo que o Filho do Homem é senhor até do sábado” (Mc 2,27-28). No “Filho do Homem”, torna-se manifesto o Homem tal como este deveria ser na realidade, pois é isto que Jesus tenta esclarecer com a afirmação do evangelho (BRITO, 2014).

Jesus usufrui esta expressão quando se alude à sua vinda futura, onde a maior parte delas, no evangelho de Marcos, são associados com as alocações escatológicas acerca do fim do mundo e do processo no Sinédrio, que possui a glória e a paixão como fundamento. Na parábola do Juízo final (Mt 25,31-46), encontra-se de um modo muito peculiar a identificação de Jesus com os mais pobres, por isso o “Filho do Homem” é o juiz “que julga o mundo com os atribulados de toda a espécie” (RATZINGER, 2007). Jesus apresenta assim uma íntima relação com a cruz e a glória, sendo o juiz e o atribulado (BRITO, 2014).

A exegese antiga via na fusão entre a visão de Daniel (7, 13-15) e as imagens do Servo sofredor de Isaías (53, 1-10) a novidade em relação a Jesus como “Filho do Homem”, assumindo assim a sua autoconsciência. O termo “Filho do Homem” evidencia a missão e o ser de Jesus, devido a sua unidade com Deus, ou seja, Ele vem de Deus, Ele é Deus. De fato, esta expressão corrobora ainda a humanidade de Jesus, que apresenta o modo verdadeiro de ser humano, porque vem de Deus (RATZINGER, 2007).

Barbaglio, expõe na sua obra, “Jesus, hebreu da Galileia” que esta perícopa de (Dan 7, 13-15) trata-se acerca de uma visão que é contraposta “às quatro bestas”

(Dan, 7, 1-8), metáforas dos impérios humanos simbolizando que todos os impérios de jurisdição humana vão cair e permanecer somente o Império do “Filho do Homem”. Para alguns exegetas a expressão “Filho do Homem” se remete ao povo escolhido de Israel, que receberá poder, honra e realeza de Javé. Já para outros biblistas como Collins advoga que esse fragmento se refere a um ser angelical individual, que mais tarde é interpretado pela comunidade primitiva como o Jesus de Nazaré (BARBAGLIO, 2011).

4. 3.2 O Filho

A respeito desse título, Ratzinger continua com a mesma percepção cristológica que foi exposto no seu livro “Introdução ao Cristianismo”. O título de “Filho” é distinto do título “Filho do Homem”, porque os sentidos e a gêneses de ambos são diferentes, apesar da história do cristianismo os ter unido (RATZINGER, 2014, a). Como foi abordado, a expressão “Filho de Deus” é derivada da teologia política do antigo oriente, onde chamavam o rei de “Filho de Deus”. Por isso, o povo de Israel atribuiu o direito de chamar de “*Filho de Deus*” o seu rei, devido a descendência real, dando dignidade a Israel. Israel transforma a concepção de “Filho de Deus” do oriente para a teologia da eleição do aqui e agora (RATZINGER, 2007).

O Papa Bento XVI, expõe que no livro dos Atos dos Apóstolos (At 13,32-43) sintetiza a história da salvação a partir da espera de um rei, proclamado pelo salmista, quando diz: “Tu és meu filho, Eu hoje te gerei” (Sl 2,7). O domínio sobre os povos perdeu o caráter político, porque o rei agora, dirige, governa a partir da cruz com amor e fé de forma humilde. O termo “Filho de Deus” já não está mais ligado ao poder político, mas está unido com Deus, entre “*Pai e Filho*”, a partir da cruz e da ressurreição (BRITO, 2014).

Segundo Ratzinger, o “Filho” é aquele que conhece verdadeiramente o Pai, por meio da relação. E através dessa, que reflete a intimidade de Jesus e a sua igualdade com Deus, pela plena comunhão por meio da unidade ontológica. O título de “Filho” fica visível a partir da comunhão ontológica e é aclarado a partir desta relação de intimidade, de conhecimento entre o “Pai e Filho”, manifestando uma unidade do ser (RATZINGER, 2007).

Dessa forma o conhecimento do “Pai” só é atingível com disposição do “Filho”, que “se revela a quem quiser” (Mt 11,27). Porém, o “Pai” já se *tinha* “revelado aos pequenos” (Mt 11,25), aqui se encontra também a plena comunhão da vontade do “Pai” com a do “Filho”. Essa unidade e o consentimento entre o “Pai e o Filho” é confirmado no evento do Jardim das Oliveiras, onde Jesus passa a vontade humana para se entregar inteiramente à vontade divina (BRITO, 2014). Assim, Barbaglio nos diz que:

É o unigênito de Deus, rodeado pelo esplendor divino (JO, 1,14) e doado ao mundo para sua salvação com gesto de supremo amor (Jo 3, 16-18; cf. 1Jo 4,9), o Filho que tem em comum com o pai os poderes divinos de Julgar e ressuscitar (Jo 5, 25-29) e que permanece eternamente (Jo 8,35). Note-se a presença da comparação da igualdade: “como o Pai colocou tudo nas suas mãos” (Jo 13,3). A relação que os liga é de estreitíssima comunhão no ser e no agir que os correlaciona na sua identidade profunda: Deus Pai é o mandante e o filho Jesus “o mandado” na tarefa de salvação da humanidade (BARBAGLIO, 2011, p.627).

O Papa Bento XVI, menciona outra evidência de relação entre o “Filho e o Pai” no evangelho de João que apresenta a identificação de Jesus como “Filho” no diálogo amoroso com o “Pai”. O evangelho de Marcos conserva a expressão Pai no original do aramaico Abba, no evento do Jardim das Oliveiras. Segundo Joachim Jeremias, o modo como Jesus trata Deus manifesta uma intimidade e uma singularidade, que era impensável no tempo de Jesus, destacando-se assim a sua unicidade de “Filho” (JEREMIAS apud RATZINGER, 2007). O título de “Filho” é produto da oração de Jesus com o Deus, que expõe o mais íntimo, o mais pessoal de Jesus e do próprio Deus. (BRITO, 2014).

4. 3.3 Eu Sou

O Papa Bento XVI, alude esse termo que aparece na boca de Jesus está mais presente no evangelho de João que nos sinóticos, com uma dupla forma, a saber, a primeira, Jesus simplesmente diz “Eu Sou”; e a segunda forma, utiliza a expressão “Eu Sou”, mas no sentido de um conteúdo figurativo, como a luz do mundo, a verdadeira vide e o bom pastor. Porém, os dois termos são enigmáticos, embora que a primeira é menos compreensível que a segunda (RATZINGER, 2007).

Temos duas afirmações importantes de Jesus que se encontra nas palavras proferidas depois da festa dos Tabernáculos, onde se tinha exposto como fonte de

água viva (Jo 7,37s). Com isso, estas palavras pronunciadas de Jesus originaram na multidão divisões e discussões, botando em causa se Jesus era ou não um profeta. Por isso, Jesus interage dizendo: “Vós é que não sabeis donde venho nem para onde vou (...) Não me conheceis a mim, nem ao meu Pai” (Jo 8,14.19). Depois, ele acrescentou: “Vós sois cá de baixo; Eu sou lá de cima!” “Vós sois deste mundo; Eu não Sou deste mundo” (Jo 8,23). Logo em seguida, conclui, com uma frase enigmática: “se não credes que Eu Sou o que Sou, morrereis nos vossos pecados” (Jo 8,35). Após esta afirmação de Jesus aparece uma indagação, quem é afinal Jesus? (BRITO, 2014).

A proposição mais afirmada é a familiaridade de Jesus, que está no cerne espiritual do Antigo Testamento e do Judaísmo. Dos textos mais patentes ressaltam-se dois (Ex, 3,14 e Is 43,10-11). O texto do livro do Êxodo menciona o evento da sarça ardente, quando Moisés está face a face com Deus e lhe pede um nome, surgindo a resposta enigmática de Deus que diz: “Eu Sou Aquele que Sou” (RATZINGER, 2007). Já o texto de Isaías, é a evolução do texto do livro do Êxodo, que diz:

Vós é que sois as minhas testemunhas – oráculo do Senhor. Vós sois os meus servos, os que Eu escolhi, para reconhecerem, acreditarem e compreenderem que Eu sou o único Deus. Antes de mim, nunca existiu deus nenhum, e depois de mim também nunca existirá. Não há outro salvador além de mim (Is, 43,10s).

Esta perícopa de Isaías sustenta o “Eu Sou”, tornando-O mais claro e energético, mesmo continuando misterioso (RATZINGER, 2007). Jesus ao dizer “Eu Sou”, corrobora com a concepção da relação de unidade com o Pai, além de assumir toda a história de salvação. Heinrich Zimmermann, assegura que Jesus ao exprimir “Eu Sou”, automaticamente faz alusão para o Pai. Porém, Jesus também fala de si. Jesus como Filho pode apresentar e revelar o Pai, quando diz: “Quem Me vê, vê o Pai” (Jo 14,9). Isto só é aceitável, porque Jesus é relacional, está em constante relação com Deus e o emprego da expressão “Eu sou” é fruto de uma íntima relação entre o “Pai e o Filho” (ZIMMERMANN apud BRITO, 2014).

Ratzinger expõe também algumas imagens que definem o “Eu Sou”. O evangelho de João apresenta sete palavras ou imagens, a saber, “Eu Sou” o pão da vida; a luz do mundo; a porta; o bom pastor; a ressurreição e a vida; o caminho, a verdade e a vida; a verdadeira videira. Além disso, Bento XVI cita outra imagem que é a da fonte de água, cujo Jesus se identifica como a fonte de água viva.

Shnackenburg diz que “estas expressões figurativas não passam de transformações acerca de um único tema: Jesus veio ao mundo para que os homens tenham vida e a tenham em abundância (Jo10,10). Ele dá um único dom: a vida; e pode conferi-lo, devido que n’Ele está presente, com abundância fontal e inexaurível, a vida divina” (SHNACKENBURG apud RATZINGER, 2007).

Segundo o teólogo Ratzinger, estas imagens são subsídios que conduzem o homem a possuir vida, do qual mais deseja e que ela seja em abundância. O segundo pedido do Pai Nosso, vai ao encontro deste desejo do ser humano, quando pede o reino de Deus, o estar na unidade com Deus, é a vida em plenitude. Contudo, o sentido de todas as expressões figurativas é o de exprimir o dom da vida, que é dado por Deus (BRITO, 2016).

De acordo com o pensamento do Papa Bento XVI, o Papa Francisco no seu livro a “Igreja da misericórdia” se retrata a respeito de estar em unidade com Deus a partir do Filho que diz:

Jesus recomenda, com insistência, aos seus discípulos na última Ceia, quando Se prepara para viver o dom mais sublime de amor, o sacrifício da cruz. Recorrendo à imagem da videira e dos ramos, Jesus diz: Permanecei no meu amor, permanecei ligados a mim, como o ramo está ligado à videira. Se estivermos unidos a Ele, podemos dar fruto, e essa é a familiaridade com Cristo. É permanecer em Jesus! Permanecer ligado a Ele, dentro Dele, Com Ele, falando com Ele: permanecer em Jesus (PAPA FRANCISCO, 2014, p. 19).

Para o Papa Francisco, estar em unidade com Deus a partir de Jesus significa imitá-lo existencialmente, sair de si mesmo para ir ao encontro do próximo. Com outras palavras, significa colocar Jesus no centro da vida, descentralizando-se e assumindo o modo de ser do “Filho”. Permanecer com Jesus, é se unir com Ele, tornar-se um-com-Elle, no sentido de quanto mais se unir com Jesus, cada vez mais se torna filho no “Filho” (Ibidem, p. 21).

Portanto, para Ratzinger essas três autoafirmações de Jesus como o “Filho de Deus”, como “Filho” e como “Eu sou”, mostram o seu profundo enraizamento na palavra de Deus e na história do povo de Israel. Essas três expressões manifestam a originalidade de Jesus a partir da oração do “Filho” para com o “Pai”. (RATZINGER, 2007). O Jesus de Nazaré é o “Filho de Deus” cem por cento homem e sem por cento Deus, o “Cristo” que se faz presente na vida de todos aqueles que de forma real a busca e o conhece através da experiência de encontro, de amizade e de intimidade.

E esses que o conhecem, exprimem como o apóstolo Pedro expressou a Jesus no evangelho de Mateus (16,16) “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Ibidem, p.299).

CONCLUSÃO

A conclusão que é possível chegar após esta caminhada sobre o pensamento acerca do Jesus histórico na perspectiva de Ratzinger, é o reconhecimento de uma realidade histórica radicalmente fundamentado na razão e na fé. Tal realidade histórica de Jesus, só pode ser alcançada, porque ela mesma se revela, se manifesta, se apresenta aos homens, em suas criaturas e pelas Sagradas Escrituras.

Vimos no primeiro capítulo, uma breve exposição do cenário contextual cristológico e histórico acerca da problemática do Jesus histórico que se perdura desde os meados do século XVIII até hoje. Este contexto, é dividido em três períodos que são: a primeira investigação *“old quest”*, a segunda investigação *“new quest”* e a terceira *“third quest”*. E uma característica importante que atravessa esses duzentos anos de pesquisa histórica do evento Jesus de Nazaré, é o método de investigação aplicado pelos pesquisadores chamado método histórico-crítico. Esse método, tem como princípio uma análise histórica, partindo da proposição que tudo aquilo que é real pode ser evidenciado pelo véis histórico.

A partir dessa análise histórica, aparece uma multiplicidade de suposições a respeito da suposta identidade de Jesus de Nazaré. Percebemos que, a primeira investigação se fundamenta por um véis científico histórico puramente racional, naturalista, baseado simplesmente em fatos que possam ser comprovados, iniciado pelo pensamento de Reimarus. Já a segunda investigação, se baseia no primeiro momento, somente na perspectiva da fé com Bultmann, alegando que não existe a possibilidade de alcançar o Jesus histórico, por causa da escassez de fontes que possam comprovar de fato a vida de Jesus. Para Bultmann, podemos somente falar do Jesus do querigma, do Cristo anunciado pelos discípulos.

No entanto, no segundo momento da segunda investigação, aparece o pensamento de Kasemann que propõe uma junção dos aspectos da primeira investigação com o pensamento de seu mestre Bultmann, a saber, a história e a fé. Segundo ele, através do seu método implícito e explícito, essas duas dimensões são necessárias para construir o rosto de Jesus de Nazaré, pois, não podemos enfatizar apenas uma e excluir a outra. Mas, pelo contrário, deve-se levar em consideração as duas dimensões de Jesus. No decurso das análises do evento do Jesus histórico, surge a terceira investigação. Esse período, é apoiado por uma leitura histórica da

vida de Jesus de Nazaré a partir dos enfoques do campo sociológico, político, econômico e religioso. A partir dessa premissa, temos produções de pensamentos como o de Sanders que visa Jesus como um profeta escatológico e de Crossan que defende a concepção histórica de Jesus como um camponês hebreu mediterrâneo de inclinação cínica.

Em contrapartida, no segundo capítulo, exibimos que na concepção de Ratzinger, as diversas produções que foram feitas sobre a vida de Jesus de Nazaré no transcurso desses três períodos, trazem muito mais categorias interpretativas subjetivas dos pesquisadores do que do evento Jesus em Si. Para o teólogo alemão, essas interpretações acabam obscurecendo a dimensão divina de Jesus, dos quais, muitos pesquisadores modernos não levam em consideração, porque não acreditam que a fé seja um dado histórico.

A crítica de Ratzinger, consiste na seguinte prerrogativa, que os pensamentos cristológicos e históricos desses três períodos de investigação do Jesus histórico faz uma leitura fragmentada, dividida, separada do mesmo. Desligaram da vida do Jesus histórico, o seu atributo Cristo. Assim, foi tratado que para Ratzinger não existe uma dicotomia entre o Jesus histórico e o Cristo da fé, ou seja, ambos é a mesma pessoa. Para Ratzinger, a relação entre o Jesus de Nazaré e o Cristo da fé dá-se na unidade entre as duas dimensões a humana e a divina de modo integral. E essa unidade acontece devido a correlação íntima entre o “Filho” e o Deus “Pai”.

Com isso, vimos no terceiro capítulo que essa unidade entre o humano e o divino da pessoa de Jesus é nada mais que a união hipostática que a igreja já professava desde a sua origem e foi confirmada no Concílio de Calcedônia. Para o Papa Bento XVI, esse Jesus de Nazaré apresentado pela igreja é o Jesus dos evangelhos, o Jesus real que vem ao nosso encontro para dá-nos nova vida e em abundância. Segundo o Papa, o acesso do Jesus real não vem somente de um conhecimento teológico, mas vem também, por meio da experiência singular, individual de cada pessoa que abre o seu ser para Ele. Para ele, podemos encontrar o Jesus real, a partir de uma busca sincera de coração, com a intenção de uma amizade pautado no amor.

Então, diante das inúmeras hipóteses gerado nesses 200 anos de pesquisa sobre o Jesus histórico. O pensamento de Ratzinger acerca de Jesus de Nazaré é aquele que possui a natureza humana e a divina ao mesmo tempo, numa unidade

sem divisão e distinção. As dimensões da humanidade e a divindade de Jesus, estão tão unidas que não existe a possibilidade de se fragmentar, de se separar um do outro. Desse modo, todos os mistérios da vida de Jesus estão infundidos na sua humanidade e na sua divindade sem divisão.

Portanto, terminamos enfatizando que o Jesus histórico é o Cristo da fé, que os apóstolos e as primeiras comunidades cristãs anunciavam ao mundo sem fazer qualquer tipo de ruptura entre o Jesus de Nazaré e o Cristo da fé, ambos é o mesmo. Para Ratzinger, o Jesus histórico é aquele que se relaciona com Deus “Pai”, de modo íntimo, familiar no mais profundo amor. Essa relação, é a marca central da existência de Jesus. Pois, a sua existência terrena era inteiramente aberta ao “Pai” e sentia a todo momento da sua vida a presença do “Pai” junto a Si.

REFERÊNCIAS

- AUGUSTO, Paulo; MACHADO, Jonas. **Reconstrução e hermenêutica: um debate com John Dominic Crossan**. São Paulo: Paulinas, 2009.
- BARBAGLIO, Guiseppe. **Jesus, Hebreu da Galileia: pesquisa histórica**. Tradução por Walter Eduardo Lisboa. São Paulo: Paulinas, 2011.
- BARBOSA, Fabrício Veliq. **A relação do Jesus histórico e o Cristo da fé no pensamento de Joseph Ratzinger**. 2014. 91 Folhas. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte – MG, 2014.
- BRITO, Joel Gomes de. **A Figura de Jesus Cristo no livro Jesus de Nazaré de Joseph Ratzinger**. 2014. 136 Folhas. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Universidade Católica Portuguesa, Braga, Portugal, 2014.
- BULTMANN, Ruldof. **Jesus Cristo e mitologia**. 2º ed. São Paulo: Novo Século, 2003.
- CATECISMO DA IGREJA CÁTOLICA. In: **Primeira parte: A profissão de fé**. São Paulo: Loyola, 2000.
- CHECHINATO, Luiz. **Os Vinte Séculos De Caminhada Da Igreja**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1996.
- CIOLA, Nicola. **Introdução à Cristologia**. Trad. Paolo Guglielminetti. São Paulo: Loyola, 1992.
- CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Dogmática Dei Verbum: Sobre a revelação Divina**. São Paulo: Paulinas, 1966.
- CORDOVILLA, Ángel. Siete tesis sobre el libro Jesús de Nazareth de Joseph Ratzinger – Bento XVI. In: **Revista de Espiritualidad**, Madrid, n. 266, p 123-144, jan-mar. 2008.
- CHEVITARESE, André L; CORNELLI, Gabriele (org). **A descoberta do Jesus Histórico**. São Paulo: Paulinas, 2009.
- CROSSAN, John Dominic. **O Jesus histórico: a vida de um camponês judeu do mediterrâneo**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- DIRSCHERL, Erwin. **Dios y el hombre como seres relacionales. La figura conceptual teológica y antropológica de Joseph Ratzinger a partir de la cristología**. Meier- Hamidi, Frank, Schumarcher, Ferdinand (Eds.), El Teólogo Joseph Ratzinger, Herder Editorial, Barcelona, 2007.
- DUQUOC, Christian. **Cristologia: ensaio dogmático II, o messias**. Trad. Atico Fassini. São Paulo: Loyola, 1980.
- FABRIS, Rinaldi. **Jesus De Nazaré: História e Interpretação**. Vol. 1. Loyola, 1988.
- FITZMYER, Joseph A. **A interpretação da Escritura: em defesa do método histórico-crítico**. V.58. São Paulo: Loyola, 2011.
- FORTE, Bruno. **Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história: ensaio de uma cristologia como história**. Trad. Luiz João Gaio. São Paulo: Paulinas, 1985.
- FRANCISCO, Papa. **A Igreja da Misericórdia: Minha visão para a Igreja**. (org) Giuliano Vigini. 1º ed. São Paulo: Paralela, 2014.

GARCÍA, José Granados. **Teologia de os mistérios de la vida de Jesús: ensayo de cristología soteriológica.** Salamanca- Espanha: Sígueme, 2009.

GERD, Theissen; ANNETTE, Merz. **O Jesus histórico. Um Manual.** 3º Ed. Trad. Milton Camargo Mota; Paulo Nogueira. São Paulo: Loyola, 2015.

GIBELLINI, Rosino. **A teologia do Século XX.** Trad. João Paixão Netto. São Paulo: Loyola, 1998.

KASEMANN, Ernst. **Ensayos Exegéticos.** Salamanca: Sígueme, 1978.

KESSLER, Hans. **Jesus Cristo – Caminho da Vida. D. Cristologia.** IN: SCHNEIDER, Theodor (org.) Manual de Dogmática. 3º Ed. Petrópolis- RJ: Vozes, 2008. P. 219-397.

LADARIA, Luis F. **O Deus vivo e verdadeiro: o mistério da Trindade.** Trad. Paulo Gaspar De Meneses, SJ. São Paulo: Loyola, 2005.

MARTÍNEZ GORDO, Jesús. **La cristologia de J. Ratzinger – Benedicto XVI a La luz de su biografia teológica: Cristianisme i justícia.** Barcelona: Gener. 2009.

NEUSNER, Jacob. **Um rabino conversa com Jesus: Um diálogo entre milênios e confissões.** Rio de Janeiro: Imago, 1994.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza; MACHADO, Jonas (org). **Morte e ressurreição de Jesus: um debate com John Dominic Crossan.** São Paulo: Paulinas, 2009.

PANNENBERG, Wolfhart. **Teologia sistemática.** Vol. II. Trad. Ilson Kayser. Santo André – São Paulo: Editora Academia Cristã, Paulus, 2009.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. **A Interpretação da Bíblia na Igreja.** 2º Ed. São Paulo: Paulinas, 1994.

RATZINGER, Joseph. **Introdução ao cristianismo: Preleções sobre o Símbolo Apostólico Com um novo ensaio introdutório.** 7º ed. Trad. Alfred J. Keller. São Paulo: Loyola, 2014.a

_____. **Ser cristão na era pagã.** Discursos e Homilias (1986-1999). V. 1. Campinas-SP: Ecclesiae, 2014.b

_____. **Jesus de Nazaré: do batismo no Jordão à transfiguração.** Trad. José Jacinto Ferreira de Farias. São Paulo: Planeta, 2007.

_____; MESSORI, Vittorio. **A fé em crise? O Cardeal Ratzinger se interroga.** Trad. Pe. Fernando José Guimarães CSSR. São Paulo: EPU, 1985.

_____. **Jesus de Nazaré: da entrada de Jerusalém até a ressurreição.** Trad. Bruno Bastos Lins. São Paulo: Planeta, 2011.

_____. **Dogma e Anúncio.** 4º ed. Trad. Pe. Antônio Steffen, SJ. São Paulo: Loyola, 2013.

_____. **Luz do Mundo: o Papa, a Igreja e os sinais dos tempos.** (Uma conversa com Peter Seewald). Trad. Sofia Favila Vieira, Maria Inês Barão Reis e Maria Tereza Martins Silva. Portugal: Lucerna, 2010.

ROPS, DANIEL. **A Igreja da Renascença e da Reforma.** Trad. Emérico da Gama. São Paulo: Quadrante, 1996.

ROWLAND, Tracey. **A fé de Ratzinger. A teologia do Papa Bento XVI.** Trad. Carlos P. Alonso. Campinas-SP: Ecclesiae, 2013.

SARTO, Pablo Blanco. **La Teologia de Joseph Ratzinger**: una introduccion. 2º Ed. Madrid: Palabra, 2011.

SCHILSON, Arno; KASPER, WALTER. **Cristologia: abordagens contemporâneas**. Trad. Luiz João Baraúna. São Paulo: Loyola, 1990.

SCHWEITZER, Albert. **A busca do Jesus histórico**. São Paulo: Novo Século, 2005.

SCHMAUS, Michael. **A fé da Igreja**. Vol. 3. Trad. Marçal Versiani. Petrópolis – RJ: Vozes, 1977.

TEIXEIRA, Alfredo. **A ressurreição de Jesus Cristo: história e fé**. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 1993.

VIEIRA, João Paulo de Oliveira. **A Verdade: demanda da Razão e horizonte da Fé. Aproximação ao pensamento de Joseph Ratzinger / Bento XVI**. 2016. 81. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Universidade Católica Portuguesa, Porto, Portugal, 2016.

VOLKMANN, Martin; DOBBERHAHN, Friedrich Erich; CÉSAR, Ely Éser Barreto. **Método histórico-crítico**. São Paulo: CEDI, 1992.

W. KASPER, **Christologie von unten? Kritik und Neuansatz gegenwärtiger Christologie**. L. Scheffczyk (Hg.), Grundfragen der Christologie heute, Freiburg, 1975.

ZIMMERMANN, Heinrich. **Los métodos histórico-críticos em el nuevo Testamento**. Madrid: Biblioteca de autores Cristianos, 1969.